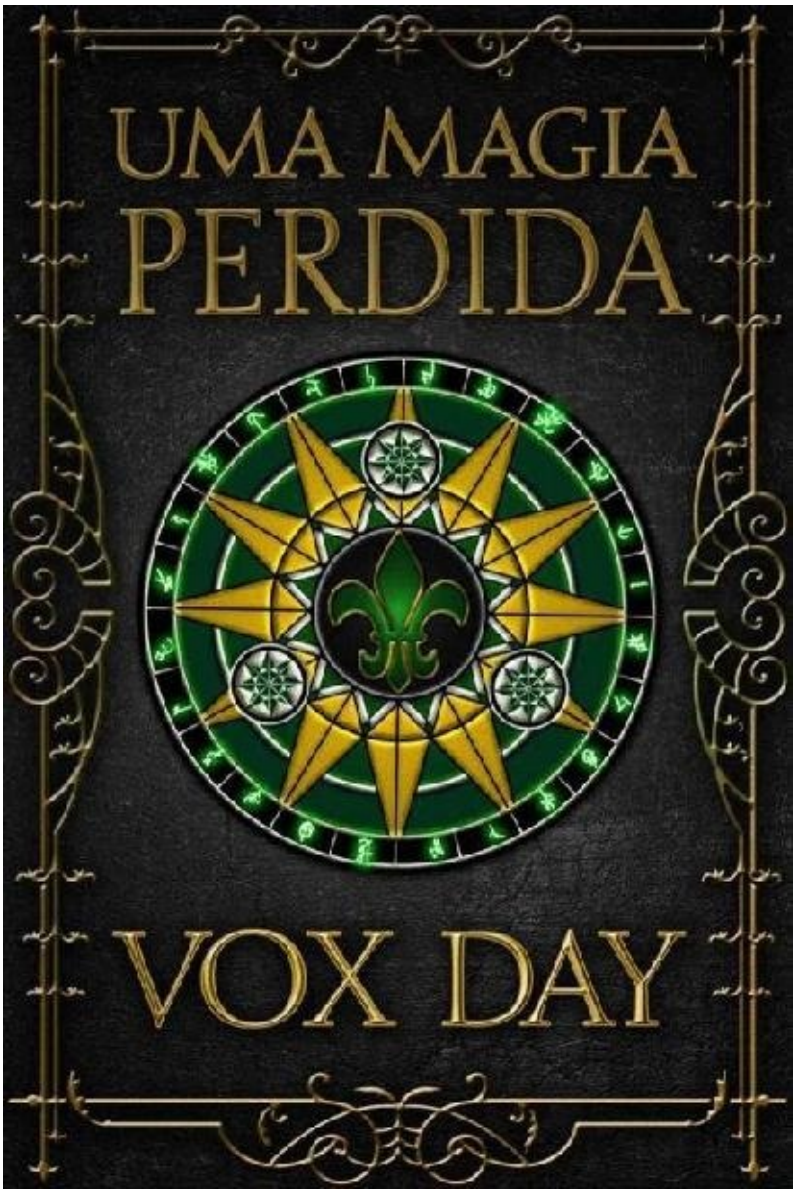
Uma Magia Perdida

Vox Day



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***lelivros.love*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Uma Magia Perdida by Vox Day

Published in English as "A Magic Broken"

Published by Castalia House

Kouvola, Finland

www.castaliahouse.com

This book or parts thereof may not be reproduced in any form, stored in a retrieval system, or transmitted in any form by any means—

electronic, mechanical, photocopy, recording, or otherwise—without prior written permission of the publisher, except as provided by Finnish copyright law.

This is a work of fiction. Names, characters, places, and incidents are products of the author’s imagination or are used in a fictitious manner.

Any similarity to actual people, organizations, and/or events is purely coincidental.

Copyright © 2014 by Vox Day

All rights reserved

Cover Design: James Simonsen

Translation: Daniel Wilhelm Mayer

Version 002

Uma Magia Perdida

O sol nasceu sem aviso sobre as montanhas ao sul, jorrando o tão necessário calor sobre o acampamento dos viajantes. Havia sido uma noite dura, fria e desanimadora no seu rústico abrigo improvisado, mas ele se reconfortou em saber que essa seria sua última noite, por enquanto, neste lugar selvagem.

Ele dividiu umas poucas fatias de bife defumado com seu guia, que, mesmo depois de dez dias de viagem, continuava tão carrancudo e silencioso quanto havia sido quando, pela primeira vez, requisitara seus serviços no outro lado do alto caminho da montanha. Os semibárbaros Tessini eram um povo escuro e atarracado, tão pouco dispostos a contar seus segredos quanto os anões que viviam em gigantescas cidades abaixo das mesmas montanhas onde estavam. Baixo e de ombros largos, o guia poderia ter sido facilmente confundido com um anão, se não fosse pelas feições aquilinas de seu rosto bem barbeado.

O guia era também quase tão inamistoso quanto um anão, pensou o homem que agora se chamava de Nicolas, vagamente irritado com sua inabilidade de quebrar a discrição do homem. Mesmo agora, com sua jornada quase no fim, o Tessino ainda se recusava a olhá-lo nos olhos, e, mais uma vez, desviou o olhar quando Nicolas lhe entregou um canto endurecido de um pão velho. Apesar de irritante, Nicolas descobriu que tinha que respeitar a reserva do outro. E, ele se lembrou, aquela reticência servia bem a seu propósito.

Com sua fome saciada, ainda que não seu paladar, Nicolas se levantou e alongou seus braços e costas. A luz do céu era uma dádiva divina, pois eles tinham pernoitado – a mando do guia – sem uma fogueira. O frio do chão duro e pedregoso havia chegado a seus ossos, deixando-o com uma sensação de estar sofrendo um caso prematuro de rigor mortis. Mais de uma vez ele considerou acender um fogo apesar das objeções do guia, mas a ideia de ter que achar um caminho através das alturas mortais sozinho lhe gelava ainda mais que as trevas congelantes. Também, era improvável que os medos desse homem, quaisquer que fossem, fossem mal-fundados, mesmo que ele não fizesse o favor a Nicolas de os contar.

Uma vez que, se os Tessini fossem apenas semicivilizados, isso era mais que alguém poderia dizer sobre a terra selvagem em que viviam. As montanhas que lhes davam o nome, e das quais eles tiravam uma precária existência, também permitiam que permanecessem livres de qualquer suserano. Não fosse pela altura, pelos cumes traicoeiros, intercalados com vales de mata densa, um dos reinos vizinhos, ou o Reino de Savondir ao norte ou o Sacro Império de Amorr ao sul, já teriam há muito conquistado a diversa coleção de pequenos baronatos, ducados e outros pequenos territórios independentes espalhados pela vasta cordilheira.

Mas a armadura brilhante e os pesados cavalos de guerra dos cavaleiros de Savondir era inúteis em um lugar onde mesmo uma mula teme caminhar e toda a lendária disciplina das poderosas legiões Amorrianas contavam para nada onde dois homens não poderiam caminhar lado-a-lado por mais que uns poucos passos antes que um caísse de um precipício ou esbarrasse em uma árvore.

Nem os anões da região, Nicolas considerou, estariam inclinados a sentar ociosamente e aceitar o domínio humano sobre eles, já que qualquer rei que honre sua coroa seria profundamente tentado a reinvindicar os veios de ouro e outros metais que correm através das raízes das montanhas como rios subterrâneos. Não, os anões iriam lutar ao lado de seus vizinhos humanos – se o termo puder ser aplicado àqueles que vivem verticalmente e não horizontalmente próximos – para manter suas preciosas minas livres de qualquer influência indesejada dos poderes do norte ou do sul.

Tanto o reino quanto o império sempre necessitavam de moedas e nem o rei nem as Casas Marciais que reinavam em Amorr iriam hesitar em reinvindicar as riquezas naturais desta terra bravia, se somente eles pudessem sonhar em fazê-lo por um preço razoável de homens e ouro.

Nicolas ouviu algo sendo apertado atrás de si e se virou para ver que seu guia havia enrolado a lona sob a qual haviam dormido na noite anterior e a prendido em suas costas. Contendo a vontade de suspirar, Nicolas pegou sua própria mochila das mãos do homem e a colocou nos ombros. Ela estava mais leve do que há seis dias atrás, mas não muito. Com um grunhido e um aceno, o guia começou o caminho ladeira abaixo, mas Nicolas o parou.

–Chegaremos lá antes que anoiteça?—perguntou.

O guia confirmou com um aceno com a cabeça e apontou para um pico ao sul deles.

–Mais duas montanhas. Vai dar pra ver as muralha quando nós atravessar a próxima. Vamo tar lá uma hora depois do sol se pôr e se o tempo continuar assim.—a maneira dúbia com a qual ele encarou Nicolas parecia sugerir que se não chegassem, ele consideraria Nicolas o responsável.

–Muito bem. Estou certo de que ambos estaremos aliviados quando essa jornada finalmente acabar.

Seu guia não se preocupou em responder, mas Nicolas ficou com a impressão de que o Tessino concordara. Bem, ele não conseguia culpar o homem. Teria sido muito mais fácil se ele tivesse pego o caminho principal através das montanhas, mas apesar desse ser um pouco mais perigoso que uma trilha por pouco larga o suficiente para uma carroca, ocasionalmente pontuado por pontes extremamente precárias que se estendiam por ravinas de tirar o fôlego, era o caminho mais usado e Nicolas quis evitar qualquer encontro inesperado com rostos familiares.

Ele achara difícil imaginar que a rota alternativa poderia ser tão inóspita quanto afirmavam. E, no entanto, ele aprendeu consternado que realmente assim o era para qualquer um que não fosse um ogro grande o bastante para abrir um caminho por entre a densa massa de árvores que, de alguma forma, cobriam os desfiladeiros pedregosos, ou um pássaro capaz de sobrevoá-los.

Enquanto seu guia o precedia no penoso caminho em direção da primeira das duas últimas montanhas, Nicolas pensou em seu destino. Não havia mina alguma dentro das altas muralhas de Malkan, mas a cidade produzia uma assombrosa quantidade de ouro mesmo assim.

No coração destas terras inóspitas, os poderosos banqueiros mercadores do Círculo Áureo mantinham suas casas-de-tesouro – sete das doze Grandes Guildas Savondesas tinham suas raízes e sedes aqui. Todo comércio entre o norte e o sul do continente passava pela cidade de Malkan, e, apesar dos preços para atravessar o Caminho de Bardinus não serem opressivos demais, só o volume de mercadorias trocadas entre o reino e o império faziam Malkan uma das mais ricas cidades do mundo.

E, como a maioria das cidades ricas, Malkan atraía predadores de todos tamanhos e formas.

Os banqueiros e as guildas formavam a elite que realmente governava a cidade. Eles criavam pequenos nobres quando servia seu interesse coletivo e os destruíam quando não. Possivelmente apenas as tribos de orcs ao leste conheciam uma política tão feroz e violenta como essa. Um homem que, nominalmente, governava a cidade no Starsday poderia facilmente ser assassinado, elogiado, internado e todo resto, mas esquecido no Moonday seguinte.

Eles continuaram a arrastar-se pelo caminho, finalmente atravessando a primeira montanha.

A muralha da cidade era impressionantemente alta, pensou Nicolas quando mais cedo, seguindo o Tessino através de um rio correndo morro abaixo, os viu pela primeira vez. Os muros de Malkan eram bem mais altos que os de Montrove, cujo conde rebelde não sobrevivera à má-fadada rebelião contra o Rei de Savondir que culminou no assalto de sua cidadela pelo exército real.

Nicolas estivera lá quando as minas sob a parte leste da muralha foram explodidas pelos magos de batalha reais, desmoronando-a e dando ao Príncipe Vermelho a entrada para a cidade que ele tanto

procurara. Aquele tipo de cerco não seria possível aqui, ele percebeu, sem primeiro cavar através da rocha montanhosa sobre a qual a muralha de Malkan havia sido construída.

Era possível, claro. Com tempo suficiente, recursos e um mago ou dois, quase tudo imaginável poderia ser feito. Mas um cerco a essa muralha seria um desafio difícil e desencorajador, especialmente com os morros florestados que cercariam o exército por todos os lados e, assim, dando proteção aqueles ordenados em assediá-lo. Era mais perto do impossível do que qualquer outra missão militar que Nicolas já havia contemplado. Certamente nenhum general seria tão louco de aceitar um comando que requereria não somente cavar através de um leito de rocha sólida, mas provavelmente sujeitar seus sapadores a um ataque contraminas de anões por baixo.

A muralha setentrional de Malkan era formada por dois anéis, com a muralha externa se elevando pouco depois de onde a estrada principal, que ia em direção dos grandes portões, se estreitava, mas colocada atrás o suficiente para que os atacantes não tentassem descer sobre ela dos penhascos vizinhos.

Ao se aproximarem do anel exterior, Nicolas viu uma linha de quinze ou vinte carroças puxadas por mulas aguardando ao lado enquanto uma igualmente longa linha de carroças, lentamente guiadas por um par par de Tesseni atarracados, protegidos por vestes de couro reforçado, de dentro.

Nicolas fez uma careta enquanto pensava nas baixas que um único mago de batalha ajudado por uns poucos arqueiros poderia causar a uma força obrigada a passar por aquele funil para chegar à muralha externa. Quaisquer arqueiros fazendo a difícil escalada aos morros acima para contra-atacar a antecipada barragem de mísseis teriam que, eles mesmos, enfrentar um fogo constante das quatro altas ameias que ficavam em cima da muralha interna. Não era uma surpresa que, apesar das riquezas, ninguém tenha tentado atacar Malkan desde que a muralha interna fora construída há mais de duzentos anos atrás.

No momento, entretanto, não eram as muralhas que o preocupavam. O assunto muito mais importante era o esguio homem vestido com uma túnica vermelha que se encontrava sobre uma plataforma dentro do portão menor, para o qual Nicolas e seu guia se aproximavam. Os olhos do homem estavam fechados e ele parecia ignorar as pessoas lentamente passando pelo pelotão de guardas abaixo. Mas Nicolas tinha certeza que esse não era o caso. Ele podia sentir o feitiço do homem como se fosse uma leve carícia, uma fina teia de seda invisível sendo tecida delicadamente sobre a multidão na qual ele estava preso.

–Ê Ziano!—um dos guardas disse ao guia—Já tá de volta?

–Nós pegamos a trilha Nuferana—explicou o guia, e um sorriso largo cheio de dentes amarelados, o primeiro que Nicolas viu naquele rosto endurecido, ameacou rasgá-lo.

–Cês tiveram algum problema?

–Não vi nada exceto por umas trilhas de ogros, tarves duas de uma três semana.

–Tá bem então. Muito bem. Um segundo.—O guarda levantou uma mão e olhou para o homem de vermelho, que apontava para Nicolas.—Ele? Beleza.

O sorriso amigável logo desapareceu do rosto do homem, e o guia encarava-no como se ele tivesse, de repente, se tornado um orc.

–Você é um mago ou algo assim?—o homem exigiu saber, e, ao mesmo tempo,

deu um passo para trás e levou sua mão para o cabo de sua espada.

–Pelos deuses, não, eu sou um soldado—Nicolas mentiu sem dificuldade. O guarda não era o problema. Era o homem de vermelho com quem ele tinha se preocupado. –Eu era um dos capitães de cavalaria do Duc de Montrove. Eu consegui escapar depois que a muralha foi vencida, mas, eu sei que tu vais entender, eu não poderia ficar em Savondir. Eu pensei em vir para cá e arrumar um trabalho como guarda-costas, ou talvez me juntar a uma tropa de mercenários.

–Meio tarde para isso, mas tarves cê seja sortudo se cê conseguiu sair de Montrove vivo. Bem, se cê não é um mago, então cê tem algo que é enfeitiçado?

–Minha espada. –Nicolas deu um tapinha no punho de sua espada e ignorou o sorriso que o guarda trocou com o mago. Metade dos soldados e todos os nobres de Savondir acreditavam firmemente que suas lâminas eram enfeitiçadas com magias potentes e letais, mesmo que, na verdade, apenas poucas fossem. A espada de Nicolas, não era, de fato, encantada, mas ele sinceramente esperou que o homem que logo a examinaria acreditasse que era. Senão, sua jornada estaria a beira de chegar a um final prematuro e desagradável.

Nicolas deu a Ziano uma pequena bolsa cheia de moedas de prata. O guia a recebeu e partiu sem mesmo acenar em agradecimento. Nicolas foi forçado a remover sua espada, e depois escoltado por um par de guardas para uma minúscula antecâmara dentro da muralha interna. O mago de vermelho do portão já estava lá, acompanhado de um homem grisalho usando bombachas e uma camisa de lã manchada.

O homem não aparentava ser mais que um velho camponês, mas o poder que emanava dele surpreendeu Nicolas e ele foi forçado a fingir um ataque de tosse para acobertar sua reação instintiva.

Enquanto ele limpou os olhos, ele observou o velho bruxo cuidadosamente examinar a lâmina. Nicolas prendeu o fôlego à medida que o homem corria levemente seus dedos gordos sobre a lâmina. Os dedos pararam quando alcançaram o cabo. Por um momento assustadoramente longo, as mãos do homem permaneceram lá como se estivesse lendo seus segredos através das pontas de seus dedos, porém ele então deu de ombros e olhou novamente para o mago jovem.

–Há um feitiço aqui, com certeza, mas nada importante.—ele olhou para Nicolas com uma expressão curiosa.—Tu és um Savondense. Qual é teu nome?

–Nicolas du Mere. Eu servi como capitão da cavalaria do Duc de Montrove.

–Eu entendo. Um homem afortunado, parece, para escapar da fúria do vingativo Charles-Phillipe. Tu conheces a natureza do feitiço na tua espada, capitão? E qual é seu propósito em Malkan, senhor?

Nicolas forçou ironicamente um sorriso e estendeu as mãos.

–É viver mais um dia, senhor magus, nada mais que isso. Eu não poderia ficar em Savondir, não se eu quisesse manter minha cabeça. Eles dizem que o Príncipe Vermelho enforcou todos os oficiais do Duc depois que a cidade caiu e eu teria sido enforcado junto a eles, se eu tivesse permanecido. E onde há ouro, há sempre alguém precisando de um homem que saiba o que fazer com uma espada. Eu pensei em me juntar à Guilda de Mercenários daqui. E, sobre minha espada, eu não sei muito sobre mágika, mas eu acredito que o punho seja encantado. Ela nunca caiu das minhas mãos em batalha, nem mesmo quando deveria. Duas vezes ela salvou minha vida, quando qualquer outra lâmina teria falhado comigo.

Ele tinha preparado outra mentira sobre a arma, mas já que a aguda percepção do bruxo detectou a aura da arma, ele fora forçado a improvisar. A improvável alegação nunca se manteria firme diante um exame rigoroso, mas, felizmente, o velho pareceu perder interesse nele ao ouvir sobre sua intenção de se tornar um mercenário e já chamava os guardas com um gesto.

Nicolas se curvou profundamente e sem ironia alguma para o bruxo, cujo inesperado poder era tão formidável quando seu desdém por suas roupas. Ele teria sido um inimigo perigoso e Nicolas estava grato pelo velho estar distraído demais para lhe dar atenção demais, de outra forma, seus segredos teriam inevitavelmente sido revelados.

–Tu poderias me fazer a gentileza, senhor magus, de me indicar uma taverna com preços razoáveis, preferencialmente uma onde eu não confunda as garçonetes com goblins do pântano?—ele perguntou enquanto retornava sua espada a sua bainha.

O jovem mago se virou, o olhou e sorriu.

–Isso depende, capitão. Estás atrás de garotas ou de goblins?

…

O Galo e a Rosa não era o pior lugar onde já havia se hospedado, decidiu na noite seguinte, e uma das garotas não era tão feia, se a vissem sob a luz certa e de uma distância segura.

Ele passou seu primeiro dia em Malkan conhecendo a cidade. Aprendeu que grande parte dela tinha sido construída por anões e fora feita em um padrão circular que ele ainda não conhecia. Era uma cidade enorme, quase três vezes o tamanho de Montrove e bem mais rica. Várias das mansões pertencentes às grandes famílias mercantes ofuscavam até o esplendor do palácio real em Lutèce, e ele se pegou sem palavras diante do teto e das colunas cobertos em ouro da guilda dos mercadores como um caipira que apenas recentemente deixara sua fazenda pela primeira vez.

O edifício que abrigava a guilda dos mercenários não era nem tão grande nem tão extravagante. A espada, o escudo e a moeda que anunciavam a localidade para seus - na maior parte analfabetos -

membros formavam uma estrutura baixa presa ao que parecia ser uma taverna de um lado e um bordel do outro.

A menos de um metro da entrada, encontrava-se uma garota, de aparência desleixada, com apenas um pé calçado. Ao entrar, Nicolas não soube dizer se ela estava morta ou apenas desmaiada, mas a julgar pela qualidade dos homens que ele encontrou dentro do prédio, suspeitou que ela teria clientes de qualquer forma. Nunca antes tinha visto um grupo tão feio e mal-encarado reunido em um só lugar quanto este. Entretanto, ele afogou aquele pensamento inútil e fez seu melhor para parecer incerto ao acenar para o guarda de um braco só que estava perto da porta.

–Eu preciso…Quer dizer, eu quero entrar para a Guilda.—Disse ele para o homem excessivamente gordo.

O guarda resfolegou, engoliu e olhou ao homem de rosto magro sentado na ponta de um dos bancos próximos.—Fala com ele. Ele que é o responsável porisso.

O homem de rosto fino, e, que, como Nicolas então percebeu, havia perdido a perna na altura do joelho, o observou indiferente a princípio, mas, quando ele viu a qualidade da túnica de Nicolas, limpou a garganta e dirigiu-se a ele educamente.

–Que posso fazer pelo senhor? Cê tá procurando por bons homens para completar seu batalhão?

Ignore essa escória. Eu posso achar bons soldados da montanha para ocê, homens com mais de vinte anos na fronteira, tarvez até um soldado da cidade se ocê não se importar com um de experiência considerável, se é que me entende; ele já tem mais cabelo branco que cinza.

Nicolas sorriu timidamente.

–Desculpe, mas não estou aqui para contratar alguém. Eu mesmo estou procurando por trabalho. Me chamo Nicolas du Mere, e quero me juntar à Guilda.

O tabelião não se preocupou em esconder seu desapontamento, mas avaliou Nicolas com um olhar especulativo.

–Cê já comandou homens, eu diria. Em Savondir, aposto.

–Exatamente. Eu já tive a honra de comandar duzentos cavaleiros, senhor.

–Cê não me chame de senhor. Eu sou apenas o Velho Sammy. Duzentos? Cê é um alto e forte capitão de cavalaria, é? E o que cê fez, macho, seduziu a mulher do seu senhor?

–Não, sempre fui fiel ao meu senhor. Meu azar é que meu antigo senhor era o Duc de Montrove.

O outro homem ficou em silêncio por um instante, franziu as sobrancelhas e acenou com a cabeça.

–Então, eu suponho que cê saiba lutar, se cê conseguiu sair daquela bagunça sem ter o pescoço espichado. Cê tem uma tropa com ocê? Eu imagino que vamos ver mais da sua laia em breve.

–Isso é improváve, senhor. Digo, Sammy. – era, na verdade, impossível, Nicolas sabia. Nenhum dos cavaleiros enforcados nas muralhas remanescentes da cidade iriam seguir seus traços.—Apenas quinze

de nós atravessamos as linhas. Nós corremos pelo portão quando os magos destruíram nossas muralhas.

Os outros foram para o leste, para os Bancos. Eu, em vez disso, pensei em tentar minha sorte no sul.

–Cê não quis ficar com seus homens?—Velho Sammy não parecia gostar do que estava ouvindo.—Ou tarvez eles não quiseram ficar com ocê?

Nicolas balançou a cabeça.

– Acontece que eles não eram meus homens. E, mais importante, eles dizem que o Príncipe Vermelho é um bastardo vingativo, e é mais difícil de rastrear um homem do que quinze. Eu imaginei ser mais seguro no sul, onde há pouco amor por ele ou por seu pai.

–Ah, cê é um garoto cauteloso, então. Bom. Eu gosto de um homem cauteloso. Eles ficam vivos, sim.

Bem, se cê tiver a prata, nós te contrata. Duas pratas hoje, se cê tiver, ou três em prestação se cê não tiver. São cinco vinténs por semana de trabalho, mesmo se achá-lo cê mesmo.

–Cinco vinténs! Isso é metade do pagamento diário!—Nicolas fez seu melhor para soar indignado.—

Mesmo se eu achar o trabalho eu mesmo?

Velho Sammy coçou o queixo e deu de ombros.

–Cê vai pagar se cê quiser achar trabalho aqui de novo. E cê seu empregador quiser contratar um cão de briga de novo, ele também vai fazer com que cê pague.

O perneta pulou de repente quando Nicolas bateu na mesa a sua frente colocando as duas moedas cobradas lá.

–Aqui está tua prata maldita, Sammy. Mas é melhor que tu aches algo para mim logo! E não qualquer trabalho como guiar mulas para lá e para cá através da droga deste desfiladeiro!

–Não precisa xingar o Velho Sammy, capitão. É o que é. Não tem muita demanda nesta época do ano.

Ninguém com a cabeça no lugar tem estômago para sangue uma vez que começa a nevá. Difícil de conseguir. Chegar a primavera, cê provavelmente vai conseguir um emprego como líder de companhia, já que parece que cê entende das parada e sempre tem um nobre tolo querendo as terras de outro. Agora, se tiver um mercador procurando por um guarda-costas, eu se aconselho a pegar o trabalho. Mas faça o que quiser, não vai ser minha barriga que vai roncar quando tuas moedas acabarem.

Velho Sammy se levantou do banco e mancou até um pequeno quarto sem porta, indicando para Nicolas o seguir. Ele destrancou um cofre enferrujado, colocou nele as duas moedas de prata e retirou um pequeno broche de latão, que entregou a Nicolas. De um lado encontrava-se a insígnia da Guilda e no outro, o urso de Malkan. Nicolas o examinou e levantou a sobrancelha.

–Não perca.—avisou Velho Sammy enquanto mergulhava a pena no tinteiro.—Custa uma prata um substituto. Então, qual era teu nome mesmo? Nico d’Mare?

E assim, sem muita confusão, Nicolas estabeleceu-se como um mercenário daquela boa e respeitável instituição, a Guilda de Mercenários de Malkan. Quando ele saiu, sem tomar parte no que Sammy o informou ser o copo de cerveja celebratório, ele viu que a garota ainda estava lá, mas que havia caído para o lado e agora roncava levemente.

Um velho monge usando a túnica marrom de uma das ordens mendicantes estava ajoelhado ao seu lado, tentando acordá-la. Nicolas acenou com a cabeça em aprovação para o monge ao passar por ele.

Podia parecer pouca ajuda, mas era uma que o alegrava da mesma forma.

Com sua tarefa matinal completa, chegou a hora de um encontro fortuito com seu primeiro empregador.

Não demorou muito para achar o homem que procurava. A taverna onde fora

marcado o encontro ficava a apenas cinco ruas da sede da guilda, e logo depois que seus olhos finalmente se acostumaram com a escuridão da taverna, ele viu seu contato. Era um rapaz pequeno e redondo, com uma barba bem aparada, obviamente um mercador sem muito poder e estava visivelmente apreensivo, mesmo a clientela

desprezível do lugar já estando embriagada demais para o notar. Um homem de aparência bruta no canto oposto parecia ser capaz de ser uma ameaça, porém ele conversava concentrado com um anão de barba curta.

–Relaxe, amigo.—Nicolas disse ao homem quando ele se mexeu agitado ao vê-lo aproximando-se.—

Monseiur Jean-Baptiste manda lhe seus cumprimentos de Lutèce.

–Você é…—ele engoliu em seco e tentou novamente.—Tu és quem eles estão mandando?

–Mandaram, na verdade. Se tu puderes me confirmar que és o homem que estive procurando.

O pequeno mercador acenou rapidamente.

–Sim, sim. É, Mademoiselle Verdun também lhe manda seus cumprimentos. Eu sou Jervais.

Nicolas bufou, perguntando-se quem escolheria este lugar ridículo para o encontro. Certamente havia sido alguém que não entende a primeira coisa sobre manter a discrição. Jervais era provavelmente o primeiro mercador a pisar neste ninho de ratos fedido em anos. Era bem verdade que nem os anões nem a garconete entediada pareciam dar a mínima importância a Jervais ou a ele próprio, mas nunca se sabe quem pode ser um espião em uma cidade onde o dinheiro corre tão livremente quanto aqui.

Entretanto, ele não havia percebido sinal algum de alguém lhe seguindo desde que chegara, portanto assumiu que seus medos nada mais eram que hábito. Ele sentou, procurou na sua bolsa de moedas pelo pequeno broche de latão e o colocou sobre a mesa na frente de Jervais.

–Como podes ver, eu sou um integrante oficial da guilda de mercenários local.

Assumo que serei contratado como teu guarda-costas?

–Meu o quê? Ah, sim, claro!

–Espalhe a notícia. Eu preciso ser visto contigo em público por duas semanas antes de poder agir. Há quantos dias tens vindo aqui?

–Hoje é o quarto. A mademoiselle me disse para começar a vir seis Starsdays após o equinócio de outono, mas eu perdi dois semana passada.

–Não se preocupe com isso. Eu cheguei apenas ontem. E a garota? Achaste-a?

–Ainda não, mas eu reduzi as possibilidades a apenas três lugares. O primeiro bordel, tu podes olhar sozinho. Os outros dois… Há um problema. Eles não são abertos para negócios, pelo menos não para o público. São mais parecidos com clubes privados. Tu tens que ser um membro convidado para poder entrar. Tu não podes simplesmente entrar em um.

–Então, pague para ser sócio. Ou consiga que um membro te convide.

–Não é tão fácil. Eu não tenho negócios com o tipo de homem que pertence a esses clubes. Eu não tenho nem contato real com eles. Não sou rico o suficiente. É um grupo pequeno, formado principalmente por patrícios. Apenas as grandes casas e alguns dos nobres mais poderosos pertencem a ele. Alguns poetas e bardos conseguem entrar uma vez ou outra, eu suponho, e alguns cocheiros, é claro. Talvez um gladiador ou dois.

Nicolas suspirou. Eles deveriam ter mandado um atleta ou um músico, mas não ele. Parece que eles estão tão desesperados por entretenimento nesta montanha desolada esquecida pelos deuses que, se ele pudesse vencer algumas corridas ou cantar algumas músicas, lhe dariam o comando sobre o lugar inteiro em menos de um mês. Como sempre, os tolos da organização real de inteligência haviam conseguido colocar o homem errado no lugar errado na hora certa, porém Nicolas sabia que os homens obscuros que serviam os interesses do rei com uma devoção brutal não estariam interessados em desculpas. Eles esperavam resultados.

Uma ideia lhe veio à mente.

–Por que tu não visitaste o primeiro bordel do qual falaste? Se ela estiver lá, não

precisamos nos preocupar com os outros dois.

Jervais enrubesceu.

–Eu não poderia. Minha mulher, entenda. Se ela soubesse? Não, eu não teria coragem!

Nicolas encarou incrédulo o mercador. Haviam mais de trezentos mil pessoas vivendo em Malkan e esse pequeno pudim molenga foi o homem escolhido pelo maldito du Moulin para esta missão tão extraordinariamente delicada? Ele lembrou a si mesmo de memorizar algumas palavras apropriadas para o chanceler do rei quando voltasse para Lutèce.

…

Lodi não gostava do homem que estava sentado a sua frente. Na verdade, ele não gostava de pessoa alguma que estivesse neste lugar que agora se denominava uma estalagem, apesar de seu teto baixo ser apenas um dos indicadores de seu passado como celeiro. Sem dúvida algumas das mulas e dos porcos que antes habitavam a estrutura estiveram em melhores condições do que alguns tristes espécimes de Homem que agora se curvavam sobre as mesas toscamente construídas, sentados em bancos estreitos que balançavam como se houvessem sido destruídos e, então, refeitos com um baixo grau de regularidade.

E a cerveja do lugar não era nem de perto algo que um anão de respeito iria considerar bebível, mas não era muito pior que a igualmente insípida e amarelada água com gosto de cevada que as raças mais prósperas de homens chamavam de cerveja e bebiam em estabelecimentos mais ricos. A cerveja, porém, servia um propósito, mesmo que mal, de lubrificar a situação que poderia, facilmente, tornar-se difícil, senão violenta.

–A tua saúde—Lodi grunhiu, levantando seu copo e gesticulando sem entusiasmo para seu companheiro.

–Saúde—murmurou o homem, engolindo sonoramente o líquido.—Eles nunca disseram nada sobre nenhum anão.

Lodi acenou em concodância e brincou com a moeda em seus dedos. Ele o fez habilidosamente, apesar de sua largura.

–Não, eles não falaram. Eu lhes dei razão para não falar.

–Então tu sabe que eu tenho quatro da tua raça.—Ele cerrou os olhos.—Porque tu achaste que eu não iria me encontrar contigo se eu soubesse…

–Terias concordado em vir se soubesse?

–Talvez. Depende no que eu tivesse pensando que poderia ganhar. Mas não vou soltar ninguém de jeito nenhum, a não ser que tu faça valer a pena.

–Tu deves ter tido muito trabalho.—Lodi concordou, acenando.—Capturar quatro anões não é um feito pequeno mesmo para um grande guerreiro. Quantos homens perdeste?

–Não perdi nenhum. Eu os comprei de uns orcs. Grandes bastardos bem feios—orcs da montanha, provavelmente. Eles disseram que os capturaram apenas algumas horas antes de eu os ter encontrado perto do rio.

–Algum morto?

–Não, não que eu saiba. Orcs disseram que os encontraram pescando ao longo do Dunbois, portanto eles não tiveram a chance de lutar. O moreno recebeu um golpe na cabeça, mas ele está bem agora. Eu o levei no médico. Cuido bem deles, pode perguntar.

Lodi acenou, satisfeito que o escravagista era apenas um oportunista, não alguém que propositalmente predava seu povo. Anões escravos tinham um grande valor em certos mercados, mas seria necessário um homem excepcionalmente ambicioso e ganancioso para arriscar se habituar de tentar capturá-los. Ao homem sentado a sua frente não faltava ganância alguma, mas pareciam-lhe faltar a

ambição e a habilidade para torná-lo um real perigo à raça de Lodi.

Chegando a uma decisão, Lodi levou a mão para baixo de seu cinto e pegou uma bolsa de algodão áspero do tamanho de seu punho. Ela tiniu quando ele a jogou em cima da mesa.

–Vou comprar os quatro—ele disse, alisando o pelo grosso, ainda curto o suficiente para ser áspero, que saía de seu queixo. Já havia se passado quase um

ano desde que ele se tornara capaz de deixar sua barba crescer novamente, mas iria requerer, pelo menos, mais uma década para ela voltar a seu esplendor original.

O homem levantou uma sobrancelha, mas ele não pegou a bolsa de moedas.

–Se há prata aí dentro, não é o suficiente. E eu acho que não é ouro.

–Prata, e um preço justo.—Disse Lodi, com um sorriso que expunha dois dentes quebrados.—E eu digo para tu aceitares, então aceite.

–Eu consigo quinze moedas de prata por cada um em Amorr. Não há ao menos trinta nessa bolsa.

–São vinte-oito. A prata é da Montanha de Ferro. Pura. Tão boa quanto quarenta Imperiais.

Os olhos do homem cerraram-se especulativamente, mas ele balançou a cabeça em negação.

–Podem até ser, mas quarenta não são sessenta. Coloque mais quinze dessa prata dos anões, e eu posso considerar vendê-los.

–Eu não disse para considerar. Eu disse para aceitar.

O grande escravagista bufou, indiferente.

–E por que eu faria isso, anão? Nem tente me ameaçar. Eu sei que tu não vai começar nada em nenhuma cidade dos Homens, a não ser que tu seja bem mais estúpido do que parece.

Lodi balançou a cabeça, sorriu e levantou seu copo em direção ao homem.

–Tu aceitas pois assim eu te salvo muito trabalho e até tens um pouco de lucro também. Eu acho que tu nunca vendeste anões antes. Em Amorr, um estábulo paga sessenta vinténs de prata por apenas um anão, mas ele tem que ser um guerreiro. Eles pagam cinquenta vezes mais por um verdadeiro ferreiro, mas nenhum ferreiro sai das Profundezas. Então, eles tem que treinar teus anões por meses ou os perder na primeira semana nas areias.

–Como tu sabes que eles não são soldados?

–Nenhum guerreiro anão é capturado por orcs. Nunca. Nós dizemos que é melhor morrer em batalha do que cozinhar em panelas. Se o que tu compraste for mais que ossos, então tu não compraste guerreiro algum.

–Tu diz “nós”. Tá dizendo que é um guerreiro?

–Eu sou o que tu estás vendo. Faça talvez essa pergunta a si mesmo: como um anão não tem uma barba? E como um anão como eu sabe sobre os estábulos de gladiadores de Amorr?

Os olhos do escravagista de estreitaram.

–Tá dizendo que os fornece ou que lutou lá tu mesmo?

Lodi sorriu lugebremente e inclinou-se para frente, de tal forma que seu nariz bulboso quase tocou o bem mais estreito do homem.

–Eu estou dizendo para tu pegares a prata na bolsa.

O escravagista encostou na cadeira e engoliu em seco. Ele não era um covarde, mas também não aparentava desejar descobrir se Lodi estava blefando. Ele encarou Lodi por um longo momento, e, por fim, esticou o braço sobre a mesa e pegou o saco de couro.

–Está certo, anão. São seus.

–Mais uma coisa. Se tu encontrares mais alguém do povo, traga-os para cá, e tu vais receber sete moedas de prata por cada. Prata da Montanha de Ferro.

–Sete moedas por anão, sem perguntas?—ele perguntou enquanto suas sobrancelhas subiam.

–Sem perguntas,—confirmou Lodi.—Mas se eu descobrir que tu tás capturando eles tu mesmo, meu machado vai levar tua cabeça.

O homem sorriu azedo.

–Eu não sou burro, anão. Eu vejo que tu é sério. Vou manter meus olhos abertos.

Algum interesse em outras raças, ou só anões? Não há falta de orcs ou goblins por aqui e eu até soube de um elfo que foi trazido um mês atrás.

A primeira reação de Lodi foi ignorar a notícia, porém, depois, reconsiderou.

Os elfos pagariam bastante para ter um deles de volta, ouro suficiente para financiar suas operações por muitos meses. Especialmente, ele refletiu, no caso improvável do elfo ser um nobre de Elebrion.

–Não preciso de goblins nem orcs. Mas me diga onde encontrar o elfo, te darei os quinze vinténs que tu querias.

–Então elfos valem mais, mesmo para um anão?—O escravagista riu.—Fechado, anão. Mas tu vais me pagar quando eu trouxer a informação. E eu não vou te ajudar a buscar nada. É contigo isso. Me encontre aqui em uma semana. Se tiver um elfo na cidade, eu vou descobrir até lá. Onde eu te entrego os anões?

–Leve-os para o Machado e Picareta antes do cair da noite,—Lodi explicou-lhe, dando-lhe o nome de um das cinco tavernas da cidade, cuja clientela era majoritariamente formada por anões. Ele teria preferido deixar essa fedida cidade de Homens horrivelmente brilhante e retornar para os confortos subterrâneos da Montanha de Ferro pela manhã, mas assim que ele tivesse o filho de Arnor Tallsmith e seus três companheiros seguros em suas mãos, ele poderia ser paciente. Uma semana seria um preço pequeno a se pagar pelo ouro que um elfo seria capaz de trazer.

–Estarei aqui em sete dias. Se tiveres alguma informação, pagar-te-ei a prata, se não, pagarei nada.

Ele se levantou do banco mal talhado e seguiu em direção a porta, deixando seu jarro de cerveja aguada para o escravagista. Era difícil dizer qual dos ele achou mais desagradável.

…

O Viúva Alegre era levemente menos temível do que Nicolas esperara, porém, não era um estabelecimento que abastecia a sarjeta, também não se podia esperar que ele acomodasse os gostos mais esotéricos que Nicolas estava procurando.

Ele era localizado no distrito sudoeste, cercado por tavernas baratas, escritórios

únicos alugados para professionais que não eram afiliados às guildas, e outros bordéis. Não era na pior parte do distrito, mas Nicolas não tinha expectativa alguma de achar o que procurava. Ainda assim, ele já tinha visto coisas com menores chances acontecerem, e, ainda que fosse de fato uma visita infrutífera, estabelecer a reputação de um ser um tarado incorrigível prover-lhe-ia com a desculpa necessária para fazer o tipo de perguntas que ele precisaria fazer a quase todos.

E, se fosse honesto consigo mesmo, já fazia mais de dois meses que ele não tinha tido uma mulher.

Desta vez, dever e desejo estavam em alinhamento perfeito.

Havia cinco garotas na sala mal iluminada. Uma era uma loira perigosamente magra. Havia também três morenas de tamanhos variados e uma bela jovem de cabelos vermelhos, cujas feições mais refinadas sugeriam que poderia ser uma filha bastarda de um nobre. Ele chamou a cafetina, uma mulher larga com grandes peitos que poderia ter sido atraente há dez anos atrás. Sua aparência suspeita tendia a contradizer a placa do lado de fora. Ela podia ser uma viúva, mas não era alegre.

–Que coleção cativante a senhora tem aqui. É o conjunto completo?

–Sim, meu senhor,—ela respondeu. Sua voz traiu seu desapontamento e ela respondeu rígida.—

Minhas garotas são jovens, e elas são limpas. Cê não vai ter do que reclamar, disso pode ter certeza.

–Eu não pretendo ofendê-la, senhora. A ruiva, em particular, é linda. Mas eu estava pensando se tu não estivesses guardando algo mais exótico para aqueles cujo paladar se tornou, digamos, mais exigente com tempo.

A mulher o olhou com suspeita.

–Cê não vai machucar nenhuma das minhas garotas, capitão. Ninguém tem moeda suficiente pra isso, nem mesmo a Guilda dos Banqueiros. E se cê tiver procurando por garotos, é melhor procurar em outro lugar. Eu não aprovo dessas abominações.

–Eu temo que a senhora me entendeu mal. Eu conversei com um amigo mais cedo e ele sugeriu que em estabelecimentos com um certo refino haviam, ocasionalmente, experiências…incomuns.—falou balançando a cabeça.

–Experiências incomuns?—Os olhos da cafetina, fundos em seu rosto carnudo, arregalaram em descrença.—Cê quer meter num gobrin ou coisa parecida, é?

Nicolas conseguiu, por pouco, suprimir a risada que ameaçara irromper dele. Ele já não tinha mais dúvidas que este não era o lugar que estava procurando. O espanto vulgar da cafetina era um testemunho suficientemente convincente para ele.

–Não, senhora, eu não quero sujar coisa alguma metendo-a em um goblin, muito menos minha espada.

No entanto, eu gostaria de perguntar se aquela pequenina ruiva está livre para um tête-à-tête privado.

–Cê não tem nada estranho em mente?

–Nada além do ordinário, eu lhe asseguro.—Mostrou então as cinco moedas de cobre em sua mão.

A cafetina rapidamente as tomou para si.

–Tudo bem então. Cê vai descobrir que o que a Dálerie não tem de exótica, ela compensa com entusiasmo.

–Com certeza.

A garota, respondendo a um sinal inobservado de sua dona, deu um passo a frente e olhou Nicolas nos olhos. Seus olhos eram verdes e eram um complemento agradável a seu cabelo. Ela sorriu com o que parecia ser um orgulho honesto por ter sida a primeira garota escolhida nesta noite. Isso, ou ela estava simplesmente feliz por Nicolas não ser um velho gordo com dentes podres.

Nicolas pegou sua mão esbelta—que não tinha também quaisquer adornos—e curvou-se zombeteiro para ela. Para sua surpresa, seu gesto irônico fez a jovem prostituta enrubescer.

–Enchantée, mademoiselle. Dancemos?

…

O escravagista já estava sentado no mesmo banco de madeira de antes quando Lodi entrou na nojenta taverna uma semana depois. Exceto pelo fato dele ter apenas um jarro de cerveja a sua frente em vez de dois, parecia que ele estivera ali desde quando Lodi saíra. Não, Lodi viu quando se aproximou do homem, o colete desarrumado que mostrava que ele havia recebido uma surra em algum momento desde seu último encontro.

Mas ele tinha as informações. Lodi podia ver o brilho avaro em seus olhos. Lodi retirou a bolsa com as quinze pratas prometidas e a colocou sobre a mesa, sentando então de frente ao homem.

–Onde?

O escravagista arreganhou os dentes e fez menção de pegar a bolsa, mas parou quando Lodi levantou um dedo.

–Me conte primeiro.

–Eu ouvi que um homem de Orontis chamado Jericas Servilio capturou uma elfa perto das terras dos elfos da floresta. Vendeu-a para Quadras Aetias.—Ele encostou-se contra a cadeira e acenou maliciosamente, esperando que Lodi reconhecesse os nomes.

–Quem é Aetias?

–Cê nunca ouviu falar dele? É o maior cafetão em Malkan. Tem até três bordéis pelo o que sei. Tem algumas tavernas também. Nunca estive em uma, entretanto —caras demais pro meu sangue. À noite todos os gatos são pardos, né?

Só se tu fores cego como um homem. Lodi deu de ombros.

–Se tu gostas de gatos, talvez. Tu disseste que ele tem três bordéis. Em qual ele mantém a elfa?

–Não sei. Mas eu diria que no Rosa Dourada. É o prostíbulo mais espalhafatoso da cidade. É aonde os nobres e os banqueiros vão. Aetias não pagou Servilio

vinte ursos de ouro apenas para trocá-la por cobres em uma de suas tavernas.

Lodi empurrou silenciosamente a bolsa para o escravagista, que piscou para ele e a pegou.

–Parece que eu consegui meu dinheiro no final, anão. E já que eu não me importaria de ganhar mais caso eu encontre mais dos seus, um conselho. Cê já conseguiu o que queria aqui, não é? Então esqueça a elfa. Cê pode ameaçar pessoas como eu se quiser, mas um homem rico como Quadras Aetias é poderoso demais para ti. Confronte-o e ele vai colocar uma recompensa sobre tua cabeça mais rápido do que cê consegue se esconder num buraco.

Lodi franziu as sobrancelhas e, então, estendeu a mão. O homem podia ser um escravagista, mas não era tão ruim. Ele tratou o jovem Tallsmith e seus companheiros bem, de acordo com eles, e o aviso foi bem-intencionado. Era também irrelevante, pois Lodi já tinha um plano rudimentar em mente.

–Pelo conselho, te agradeço, Homem. Vá com os deuses.

–Igualmente, anão. E me faça um favor… se Aetias te capturar, não conte para ele que fui eu quem te deu a informação.

Pela primeira vez desde que o conhecera, o anão sentiu afeto pelo homem.

–Não contarei para ninguém,—ele prometeu sincero.—Mas não temas. Nenhum Homem pode capturar um anão depois que ele está debaixo do chão.

…

Nicolas já havia tido conversas mais interessantes em cercos do que esta, na qual ele se encontrava preso no momento. De fato, refletiu enquanto o mercador Jervais continuou a reclamar sobre a possibilidade de seus planos falharem, houve cercos que ele apreciou mais do que esta horrível festa Malkaniana. O anfitrião era o importador líder na cidade; o vinho era medíocre, a música fora do tom, as mulheres vestidas em roupas opacas já há dois anos fora de moda em Lutèce e seu companheiro era extremamente tedioso.

–E se eles forem capturados? E se eles disserem nomes?

–Eles não vão ser capturados, te garanto.

–Mas tu não podes ter certeza. Como tu tens certeza?

–E se o Aetias não vier?

–Ele estará aqui. Nenhum banqueiro de sua magnitude e hábitos iria ignorar um convite de um de seus clientes mais importantes.

Sua única satisfação em ouvir seu empregador nominal inventar mais um cenário desastroso, desta vez no qual os dois assassinos de rua que ele contratara mais cedo se revelariam agentes do Duc, era saber que a voz do pequeno gordo seria logo silenciada para sempre. Era uma sorte cruel para sua

mulher, ele supôs, mas quaisquer arrependimentos que Nicolas poderia ter sobre a necessidade de silenciar o homem permanentemente desapareceram quando Jervais continuou a lhe oferecer previsões irracionais de destruição e melancolia.

Era estranho, pensou Nicolas, como um homem se preocupa com tantas coisas além do real perigo iminente. Nós pulamos para longe de sombras à distância e de alguma forma não vemos a besta aos nossos pés. Ele passou um dedo sobre a lâmina escondida em sua manga direita. Espadas haviam sido proibidas pelos guardas do anfitrião, mas as três facas que ele tinha, secretamente, escondido consigo seriam mais que o suficiente para seu objetivo nesta noite.

–Ali está Quadras Aetias,—disse Nicolas.—Tu verás, tudo irá de acordo com o plano. Quando ele se mover para perto daquela janela, vá e o cumprimente. Tire o cachecol branco e deixe o vermelho à mostra. Não faça muito teatro disso. Eles estão observando.

Apesar da fresca brisa noturna que havia entrado pelas janelas abertas, Jervais obedeceu relutante.

Nicolas olhou para os dois assassinos para ter certeza de que eles veriam o sinal de que o alvo estava à vista. A mulher, usando o vestido púrpura que Jervais tinha lhe dado mais cedo, parecia ocupada se desviando dos avanços de um balconista corado, mas Nicolas pôde ver que ela mantinha tanto Aetias quanto Jervais em vista.

O outro assassino caminhava através da multidão em uma túnica branca como a dos escravos segurando um prato de doces em seu ombro; Nicolas não fazia ideia de onde ele os havia conseguido, mas ele imaginou que Quadras Aetias iria

sentir falta de um escravo amanhã.

Aetias cumprimentou um alto e belo par que parecia ser casado, chamou um escravo e graciosamente ofereceu à mulher uma taça de vinho. Gracejos foram trocados e então Aetias continuou a circular, finalmente se aproximando da janela aberta no lado ocidental da sala, que, segundo Nicolas, seria a rota de fuga dos assassinos.

Ele mentiu, claro. Não haveria fuga. Não para eles.

–Vá,—Nicolas assobiou para Jervais, mas o mercador estava assustado demais para lhe ouvir.—

Eles estão prontos. Vá, maldito. Vá agora!

Jervais o olhou, seus olhos implorando para ser aliviado de seu dever, mas Nicolas simplesmente colocou sua mão na sua barriga, o girou e lhe deu discreto, porém forte, empurrão. Com seus ombros caídos em derrota, Jervais se aproximou de Quadras Aetias como se fosse um criminoso condenado caminhado ao pelourinho. Nicolas o seguiu, mas manteve dois passos de distância, como todo bom guarda-costas faria.

O banqueiro cumprimentou o mercador menor com boas-vindas tolerantes, mas condescendentes, e eles mal tinham começado as formalidades convencionais quando Nicolas sentiu um movimento brusco atrás dele e girou para encontrá-lo.

Com a velocidade da mulher ligeiramente diminuída por seu vestido, ela estava três passos atrás do outro assassino. Ambos já haviam desembainhado suas adagas, mas as seguravam baixo, de forma que não poderiam ser facilmente vistas, ainda que uma mulher gritou alto em alarme quando o homem a empurrou.

–Cuidado, meus senhores—assassinos!—Nicolas gritou.

Com a precisão nascida de várias horas de prática, a faca deslizou de sua manga para sua mão enquanto ele caminhava em direção ao homem que corria a sua frente.

Movendo-se perpendicularmente ao trajeto do homem, ele agarrou o queixo do homem com sua mão esquerda e deslizou a lâmina pela garganta exposta com

sua direita, enquanto usava seu peso e impulso para levantá-lo.

Sangue borrifou pelo ar em um arco escarlate conforme Nicolas caía sobre o chão e, então, ele

largou o corpo convulsante antes dele cair sobre ele, rolando por fim e levantando-se com a faca ensanguentada em suas mãos.

As pessoas gritavam, mas Nicolas mal podia ouvi-las quando viu a mulher enfiar sua faca no estômago de Jervais, eviscerando-o e, em seguida, removê-la para, então, a enterrar novamente em sua garganta a fim de silenciar seus gritos. Era uma boa morte, rápida e certa, e Nicolas pensou que ela teria facilmente conseguido escapar pela janela atrás de Aetias se ele não soubesse exatamente aonde ela se dirigia.

Aetias tropeçou para trás e caiu. Ele gritava de medo enquanto a mulher se movia em sua direção com sua segunda lâmina. No entanto, Nicolas havia escolhido o vestido púrpura que ela usava especificamente pela forma como ele restringia seus movimentos; ele a atrasou o suficiente para permitir que ele a alcançasse por trás sem pressa.

Um golpe de seu braço a mandou voando para o chão ao mesmo tempo que seu pé acertava-lhe os tornozelos.

Ela grunhiu alto ao atingir o chão de mármore e, em seguida, novamente quando ele se ajoelhou sobre seu estômago. Sua faca achou seu coração enquanto sua outra mão a segurava pela garganta. Ela estava tão surpresa quanto Jervais quando ela havia o eviscerado.

Enquanto ela morria, Nicolas girou sobre seus pés, como se estivesse preparado para enfrentar mais atacantes, embora ele fosse o único homem na mansão certo de que não haveria mais inimigo algum.

O quão divertido seria se houvesse, pensou, e ele quase riu alto antes de finalmente controlar as emoções violentas que corriam por seu corpo.Ele não apreciava realmente matar, mas, às vezes, o ato provava-se alarmantemente excitante durante o momento sangrento.

Ele contou até dez, tanto para dar verossimilitude a suas ações quanto para se acalmar, e então se ajoelhou ao lado de Jervais. O mercador ainda estava vivo,

porém mal, e seus olhos estavam arregalados e assustados como os de um animal irracional que não podia entender seu destino.

A lâmina da mulher ainda encontrava-se na garganta dele, impedindo o livre fluxo de sangue que iria acabar com ele, portanto Nicolas cuidadosamente a retirou de sua bainha carnal. Engasgando e gorgolejando, seus olhos salientes com terror desconcertante, Jervais finalmente soltou seu último suspiro e com ele seu intestino se esvaziou fazendo um som asquerosamente alto.

Nicolas suspirou e sentou sobre seus calcanhares, balançando a cabeça como em pesar por ter falhado em proteger seu contratador.

Sentiu uma mão sobre seu ombro, mas Nicolas não olhou para cima. Ele podia adivinhar a quem pertencia.

–Tu salvaste minha vida,—Quadras Aetias lhe disse.—Eu não sei quem tu és, homem, mas não consigo expressar minha gratidão.

-Não, eu…eu falhei,—Nicolas murmurou, ainda encarando o rosto do recentemente falecido mercador como se estivesse em choque.—Mestre Jervais —ele me contratou… Eu tentei pará-los, mas não cheguei a tempo. Fui lerdo demais.

Vacilando um pouco, ele deixou o outro homem ajudá-lo a se levantar. Quadras Aetias era alto, magro, calvo e possuía um rosto ossudo. Tudo em sua elegante conduta sugeria o banqueiro, não o cafetão. Mas havia realmente uma diferença, no final? Sua expressão era profundamente solícita.

–Eu sinto muito pelo pobre Jervais, mas não havia coisa alguma que poderias ter feito. Tu disseste que ele te contratou—isso significa que ele tinha motivo para temer por sua vida? Eu estava certo que eles estavam atrás de mim, sabia? O primeiro homem que mataste estava correndo em minha direção quando tu tão bravamente o interceptaste.

–Eu não sei,—respondeu Nicolas.—Mestre Jervais não me contou coisa alguma. Tudo aconteceu tão

rápido. Eu só cheguei aqui há duas semanas. Fui contratado pela guilda, mas Mestre Jervais nunca disse algo que me fizesse pensar que algo assim poderia acontecer. Ele não falou de inimigo algum. Minha impressão foi que ele me

contratou para parecer importante hoje.

Aetias acenou como se entendesse.

–Entendo. Posso perguntar teu nome, meu bom senhor? Nós temos que nos conhecer, eu temo, porque o pobre Jervais não está em condições de nos apresentar e porque começo a achar que tu não fazes a menor ideia de com quem estás falando.

Nicolas olhou o rosto sincero do rico e conteve um sorriso. Meu caro cafetão, eu suspeito que tu ficarias muito surpreso se soubesse o quanto eu sei sobre ti.

…

Lodi sentava nas trevas acompanhado dos quatro anões que comprara do escravagista. Ele não os possuía, não de acordo com a lei anã. A Lei das Profundezas proibia um anão de ter um título sobre outro.

Entretanto, todos os recém-libertos prontamente concordaram em segui-lo até que ele pudesse providenciar seu retorno em segurança para a Montanha de Ferro.

Agora, porém, ele repensava sua decisão de usá-los para salvar a elfa. Ele tinha uma obrigação de os levar para casa, e ele duvidava que seus pais iriam gostar dele colocá-los em risco desta forma.

Especialmente uma vez que se podia com razão argumentar que ele os colocaria em perigo por um elfo!

No entanto, com sua ajuda ele poderia a libertar esta noite, em vez de em duas semanas, como ele havia estimado se trabalhasse sozinho. Após alguns questionamentos silenciosos lhe darem confiança suficiente de que ela estava de fato em algum lugar da Rosa Dourada, ele alugou um pequeno quarto no térreo de um prédio que estava um pouco atrás e para o leste do luxuoso bordel. Era caro, portanto ele o alugara apenas por uma semana e isso fez da ajuda dos quatro jovens anões uma necessidade. E, para ser justo consigo mesmo, a elfa era apenas um meio para um fim que todo anão entenderia.

Uma forma emergiu do chão perto dele. Era a cabeça de Gulfin, seu boné coberto por terra, teias de aranha e pequenos pedaços de madeira. Ele lhe

entregou um grande balde de terra, o qual Lodi adicionou à pilha que crescia no canto.

–Nós estamos fundos o suficiente. Tu querias vinte pés, e você os tem. Tu queres que nós comecemos com o túnel horizontal agora?

–Ainda não. As pessoas dormem tarde aqui e não queremos que alguém nos ouça. A escada vai até o final?

–Nós estivemos apenas dando apoio uns aos outros para alcançá-la. Ela só tem cinco pés, então nós podemos simplesmente amarrar o último ao anão antes dele.

–Não, ela tem que ir até o fundo. Talvez precisemos nos apressar, e se alguém estiver ferido, não tê-

la vai nos atrasar ainda mais.

–E se nós colocássemos um sistema de polias, só pra ter certeza? Dessa forma, se nós tivermos dois ou mais que precisem de ajuda para subir, nós podemos levantá-los rápido. Não deve demorar.

Lodi acenou, impressionado com o jovem anão.

–Sim, faça isso. Nós temos tempo. Tu tens uma boa cabeça sobre teus ombros, Gulfin. Como tu conseguiste ser capturado por orcs?

–Ouvindo ao Thorald,—Gulfin sorriu pesarosamente.—Ele nunca se importa com coisa alguma, nem mesmo quando deveria. Um grupo de caçadores humanos nos avisou que haviam orcs da montanha na região, mas ele não acreditou.—Ele olhou sobre o ombro.—Sabe, ele está convencido de que vamos cavar até lá, pegar a garota e voltar sem problemas, como se fosse um passeio.

–Espero que ele esteja certo.—disse Lodi. Mas ele tinha se preparado caso Thorald não estivesse.

Ele não tinha o dinheiro para equipar adequadamente todos os cinco para uma incursão armada, mas ele penhorara seu machado-de-batalha e usara o dinheiro para comprar quatro gibões de couro robustos, três machados-de-mão e um par de escudos de madeira.

Ele pegara as duas picaretas e a pá que estavam usando para cavar o túnel emprestado de um anão no Picareta e Machado. Nas mãos de um anão, uma picareta poderia ser uma arma aterradora, embora um pouco inadequada para o uso interno. A pá poderia até ser a ferramenta mais útil já que Lodi não pretendia matar alguém se pudesse evitar. Era consideralmente mais fácil se recuperar de uma pancada de uma pá na cabeça do que de uma picareta enfiada diretamente no peito.

Ele percebeu, então, que independentemente de o quão bom tudo correresse hoje, ele provavelmente precisaria arranajar alguém para recuperar seu machado-de-batalha do penhorista. Era provável que se tornaria, a partir de hoje, *nana non grata* em Malkan.

Quando Arbhadis, a segunda lua, apareceu no céu, Lodi decidiu que era hora de recomeçar a escavação. As picaretas arrancavam pedaços de terra argilosa, as pás enchiam os baldes e os mesmos voavam para cima e para baixo através do sistema de polias feito às pressas, e Lodi estava satisfeito com o rápido progresso feito sob a fundação de pedra do prédio vizinho.

O túnel era suportado por uma viga de madeira a cada poucos pés. Não era uma abordagem que Lodi confiaria em uma mina, mas serviria para o propósito dessa noite. Logo eles alcançaram o ponto que Lodi calculara ser exatamente embaixo do prostíbulo.

Demorou quase tanto para abrir caminho pelos tijolos e argamassa da fundação do edifício quanto demorara para cavar o túnel, pois não se atreviam a usar as picaretas. Em vez disso, eles picaretavam cuidadosamente a argamassa e removiam os tijolos um-a-um. Algum tipo de granito ou mármore ficava sobre o buraco que cavaram, mas um único golpe com a parte plana da picareta o quebrou, e eles estavam dentro.

Era escuro, mas não como breu, pois um fátuo raio de luz descia do topo das escadas. Era mais que suficiente para olhos de anão, acostumados com a escuridão dos túneis que muitas vezes eram escavados por mais de uma légua embaixo das raízes das montanhas. Eles pareciam estar em algum tipo de depósito, uma vez que havia barris e barriletes que pareciam com vinho e destilados, mais cadeiras avulsas, mesas sem número e um sofá de veludo vermelho que aparentava ter sofrido algum abuso.

–Lembrem, nós só queremos a garota. Ela deve ser fácil de achar—ela é o único elfo aqui. Nós entramos, nós a pegamos e nós saímos.

–Um elfo?—seus companheiros olharam confusos uns para os outros. Thorald foi o primeiro a se objetar.—Eu achei que estivéssemos resgatando um dos nossos! Por que deveríamos nos arriscar por um elfo?

–Os orelhas-longa nos deixaram para morrer no cerco! Por que não devemos deixar este para os altos?

–Quanto vocês acham que seus pais estão pagando por suas peles inúteis?—Lodi rosnou.—Eu consigo dez vezes mais pela elfa—cinquenta se for da nobreza. Vocês acham que o escravagista os deu pra mim porque gostou da minha barba? Mas não importa, eu não preciso de vocês para próxima parte. Já fizeram o suficiente em cavar. Se não vocês não forem entrar comigo, então podem voltar e esperar do outro lado até nós retornarmos.

Houve um movimento envergonhado sem direção fixa, e Thorald olhou Lodi penetrantemente, mas nenhum dos quatro anões fez moção em direção ao buraco.

–Tudo certo então. Agora lembrem, não estamos tentando fazer uma cena ou matar alguém. Não enfiem uma picareta em alguém se puderem evitar. Picaretas são difíceis de retirar de um corpo, e não

queremos alguém nos rastreando de volta pra taverna. Se um dos guardas entrar no caminho, apenas golpeiem-no na cabeça e sigam em frente. Thorald, tu ficas aqui e guardas nossa retirada.

–Eu posso não gostar dos orelhas-longa, mas não tenho medo-

–Eu sei que não. Mas teu pai foi quem fez o pagamento por vocês, então tu ficas aqui. Não é uma tarefa de covarde. Tu serás o último no buraco quando voltarmos, então tu terás que quebrar os suportes e desmoronar o túnel atrás de ti.

–Eu consigo fazer isso.—disse o jovem anão aplacado após saber que dividiria os riscos.

–Bom.—Lodi olhou os rostos dos três anões que logo lideraria escadas acima.

Eles estavam soturnos, mas não demonstravam medo. Isto não é uma batalha, ele se relembrou. Apenas um pega-e-corre. Talvez até não tenha lutas.—Vocês três, me sigam e permaneçam por perto. Se eu disser para correr, não perguntem o porquê, apenas corram de volta para o túnel e saiam o mais rápido que puderem.

Não esperem por mim. Vão para o Picareta e Machado. O dono tem instruções para os levar para casa, caso eu não me junte a vocês até o amanhecer.

Eles protestaram em silêncio, sem serem capazes de dizer palavra alguma, mas ele bufou e se virou para a escada. Era só um prostíbulo, não o campo sangrento do exército de Goblinbane. Não havia campo de ossos aqui, nem a sobrevivência dos anões da Montanha de Ferro em risco—somente o destino de uma elfa escrava desafortunada. Mesmo assim, seu coração batia mais rápido quando começou a subida silenciosa pela escadaria de madeira, machado em mãos, seguido por seus três jovens companheiros.

A escada os levava para o térreo do bordel. O prédio estava silencioso, mas umas poucas tochas ainda queimavam em seus suportes de latão presos nas paredes, lhe indicando que ainda que não houvesse mais atividades comerciais sendo feitas esta noite, poderiam haver Homens acordados e ativos nas premissas. Gulfin estava logo atrás dele, com os dois irmãos, Hodli e Glodli, na retaguarda enquanto eles se moviam quietos pelo corredor, o único som às vezes emitido sendo, pois, o ranger de suas armaduras de couro.

Lodi parou ao ver a passarela a sua frente, que por sua largura parecia estar no final de uma grande câmara. Mas ao olhar pelo canto, não viu nenhuma. Então, ele continuou até a escada de mármore, satisfeito em ver que um mensageiro corria pelo meio das escadas, mascarando assim o som de seus passos.

Ele tinha chegado à primeira passarela quando um forte cheiro de perfume encheu suas narinas, e se virou para ver o rosto em choque de um Homem fêmea parado quatro degraus a sua frente, vestida com nada mais que uma fina seda púrpura.

Ficou de boca aberta ao vê-lo, mas antes que pudesse gritar, Lodi pulou em sua direção tentando enfiar sua mão livre na sua boca para silenciá-la. Mas em sua pressa, ele errou e acidentalmente acertou sua mandíbula com sua palma calosa.

Ela caiu inconsciente, como se ele a tivesse acertado com a extremidade chata de seu machado, rolando, em seguida, os degraus até a passarela . Ela bateu forte

contra as pequenas colunas de mármore no mesmo momento em que Gulfin alcançara a plataforma, fazendo-o quase tropeçar sobre seu corpo desacordado.

Hodli, juntando-se a ele, olhou Lodi e balançou seu machado, mas Lodi negou com a cabeça. Não era necessário matar a prostituta. Com os degraus e sua mão, ela tinha recebido pelo menos dois fortes golpes na cabeça, e ele pretendia estar de volta no túnel e fora do prédio antes que ela recobrasse a consciência.

Seus três jovens seguidores pareciam estar fascinados ou horrorizados com o Homem caído, portanto Lodi precisou estalar os dedos para conseguir sua atenção, retomando, então, a subida da escadaria.

Perdido sob o miasma de perfume e Homem e comida e sexo, ele detectou o cheiro inconfundível de

elfo. Ela estava lá, um andar acima. Ele estava absolutamente certo de que era o elfo que vieram buscar.

Um anão que não pudesse confiar em seu nariz não durava muito nas minas. Se viesse de bolsões de gás ou dos habitantes de garras afiadas, nas Baixas Profundezas, o perigo era normalmente precedido por alguma forma de aviso olfativo.

Havia oito portas no primeiro andar e corredores levando para direita e esquerda. Ele os ignorou, entretanto, já que ele sabia que a elfa estava em algum dos quartos próximos. Ele mandou os irmãos para os quartos à esquerda do corrimão do terraço, e indicou a Gulfin que o seguisse à direita.

Ele parou de frente às três primeiras portas e cheirou cada uma. Não havia coisa alguma além de cheiro de Homem. Mas o cheiro de elfo se tornou mais forte à medida que se aproximavam das duas portas finais e ele ficava cada vez mais confiante que ela estava na da direita.

Hodli e Glodli estavam contornando a quina da parede para se juntar à eles quando a porta esquerda se abriu. Era um Homem, um guarda, e suas mãos estavam ocupadas com seu cinto. Se não estivessem, certamente ele teria se defendido mais eficientemente. Ele caiu pesadamente no chão, inconsciente ou morto; os dois irmãos anões encarando, chocados, o machado ensanguentado que Hodli tinha em sua mão.

Assustado e nervoso, o jovem anão apenas atacara, e o resultado era horrível. Lodi gemeu. Ele sabia o quão fácil os ossos humanos se quebravam quando acertados por músculo de anão. Mas não havia nada que ele pudesse fazer agora.

Sinalizando com suas mãos, encorajou os jovens anões a ficarem calmos, e cheirou a porta a sua frente. O cheiro de elfo era poderoso, mas também havia cheiro de Homem. Ele xingou em voz baixa.

Parecia que Hodli não seria o único com sangue nas mãos nesta noite. Ele girou a maçaneta e descobriu a porta destrancada e, devagar, abriu a mesma, entrando silenciosamente no quarto iluminado por velas.

A luz era fraca, mas mais forte que a do corredor, e Lodi se viu de frente a um corpo pálido e sem pêlos de um Homem. A sua esquerda, deitada e semi-coberta por lençóis vermelhos amarrotados, estava a elfa, cujo cheiro ele sentira. Seus olhos estavam arregalados de medo, mas ela sabiamente não gritou.

Lodi acenou com a cabeça para ela e levou um dedo aos lábios. Limpou, então, a garganta e o Homem se virou.

Ele era uma cabeça mais alto que Lodi. Seu estômago projetava-se redondo de uma forma que faria Lodi pensar que ele estivesse grávido, se não fosse obviamente macho. Era difícil dizer se a expressão em seu rosto liso era arrogância ou aborrecimento.

–Eu não pedi por serviço de quarto! Como ousas entrar desta forma sem aviso? Eu vou reclamar ao Quadras de manhã!

Lodi o golpeou no rosto.

O Homem voou para trás e bateu contra a parede. Escorregou a parede abaixo e ficou lá, atordoado, sua cabeça pendendo mole e suas pernas abertas. Lodi pegou uma adaga e a estendeu para a elfa, cujo medo desaparecera em um instante, substituído por uma máscara feral de fúria completa ao olhar para o homem contra a parede.

–Nós viemos te resgatar, elfo.—Lodi falou na língua dos homens, assumindo que ela provavelmente o entenderia.—Mas antes de irmos, gostaria de fazer as honras?

Ela pulou da cama e pegou a faca de sua mão. Então ela ajoelhou-se na frente do Homem. O que ela fez em seguida fez Lodi, acostumado com morte e violência, um veterano do cerco da Montanha de Ferro assim como um gladiador em Amorr, empalidecer e desviar o olhar.

…

–Savoniano!—O grito acordou Nicolas do que havia sido um sono agradavelmente profundo. –

Savoniano!—Era a voz de seu novo mestre, Quadras Aetias, mas o homem soava mais furioso que assustado.

–Estou indo, meu senhor,—ele gritou, sem dar atenção aos múmurios queixosos dos outros dois homens com quem dividia o quarto. Apressadamente procurou sua túnica, vestindo-a desajeitadamente pela cabeça enquanto também vestia sua calça, pegou sua espada, ainda em sua bainha, e correu do escuro quarto para o corredor iluminado por uma única vela. Não parecia que a casa estava sob ataque, mas era claro que algo estava errado.

Quadras Aetias estava na entrada principal da mansão e conversava com um esguio jovem encharcado de suor que usava o uniforme da casa. Dois de seus guardas estavam ao seu lado com suas curtas lâminas em mãos. Ao ver Nicolas chegar, acenou a ele.

–Itolos diz que houve um ataque ao Rosa Dourada. Capitão, eu sei que posso confiar em ti. Eu quero tu pegues uma carruagem e vá para lá imediatamente. Posso te dar cinco homens agora e vou mandar mais duas carruagens com dez assim que forem reunidos e armados.

Nicolas acenou concordando, confuso pelo o que parecia ser um segundo ataque ao homem. Ele sabia que não tinha nada haver com este.

–Quantos eram? Viste algum deles?

–Eles dizem que foram dez atacantes, talvez mais! Eu não os vi, mas os ouvi lutando com os guardas.

Eu não fui ver o que aconteceu. Eu sou um harpista,não um guerreiro! Eu corri para cá porque pensei que o Senhor Aetias deveria ser informado sem demora.

–Fizeste bem,—Nicolas assegurou o jovem músico antes de se virar para Aetias. —Eu irei, mas acho que o senhor deveria vir comigo na primeira carruagem.

–Ir contigo?

–Absolutamente. O ataque a Rosa pode ser uma distração. Se o senhor bem se lembra, da última vez foi o alvo. O mais natural agora seria o senhor mandar a maior parte de sua guarda da casa em resposta ao ataque contra sua propriedade, deixando-o vulnerável aqui. O senhor permanece dentro da carruagem com um dos homens e eu entro com os outros quatro. O garoto está, provavelmente, exagerando os números. Assassinos não iriam precisar de mais que dois ou três para atacar um prostíbulo e ele não os viu de fato.

–Tu achas que alguém está planejando me matar aqui?

–Eu não saberia dizer, meu senhor. Só sei que se eu quisesse me livrar das defesas do seu lar, atacar seu precioso bordel seria a forma mais eficaz de fazê-lo. Entretanto, ninguém saberá que estará na carruagem, e sigilo é uma arma melhor que muros.

–Muito bem.—Aetias rapidamente tomou uma decisão.—Itolos, virás conosco e servirás como guia para o capitão. Brand também, enquanto Cornelias acorda os outros. Cornelias, faça com que os outros venham assim que estiverem armados e prontos, mas deixe dois posicionados em frente à entrada principal para o caso de alguém estiver vigiando ela.

A viagem frenética através das escuras ruas até o Rosa Dourada foi verdadeiramente tão assustadora quanto qualquer batalha na qual Nicolas já lutara. As rodas da carruagem chocalhavam sobre o pavimento pedregoso das ruas, e Nicolas fora repetidamente jogado contra os guardas entre os quais sentava.

O fato de não saber se lutariam contra dois ou vinte homens armados não ajudava a acalmar seu estômago. Ele se encontrou desejando que houvesse tido a coragem de trazer uma cota de malha para Malkan. No entanto, o cocheiro era obviamente habilidoso e, como Nicolas se lembrava toda vez que bruscamente dobravam uma esquina, ele tinha, com certeza, feito esta viagem a noite uma centena de vezes. Ele olhou para Quadras Aetias. O banqueiro parecia preocupado, mas não pela altíssima

velocidade em que viajavam.

Finalmente, eles chegaram ao Rosa Dourada, bem iluminado por várias tochas acesas presas em estacas do lado de fora. Nicolas saiu da carruagem, com a mão repousando sobre o cabo de sua espada e seguindo um dos guardas, se deparou no meio de um grupo de, talvez, quinze mulheres conversando, a maioria quase nua. Era uma situação que teria sido agradável se não fosse pelo sangue no rosto de uma bela morena e o grande homem jogado com seus braços estendidos sobre os degraus de mármore da grande mansão que Aetias havia transformado em seu bordel exclusivo.

Nicolas abriu caminho por entre a multidão de mulheres para chegar à morena ferida. Ela chorava, mas seu nariz não parecia quebrado embora sangue ainda corresse dele.

–Quem te atacou? –ele questionou.—Quantos eram?

Os olhos da prostituta de cabelos escuros arregalaram alarmados com sua abordagem brusca, mas depois de um momento de hesitação, respondeu:

–Um homem baixo. Ele era forte, muito forte. E baixo. E tinha uma barba. Primeiro, achei que fosse um anão, mas então pensei que poderia estar apenas curvado. Me acertou no rosto. Não disse coisa alguma, apenas me acertou. Dói!

–Ele estava sozinho? Aonde ia? Estava armado? Estava usando armadura?

–Eu não vi mais ninguém. Ele subia as escadas, e eu estava na passarela do primeiro andar. Ele me derrubou, e eu cai escada abaixo. Acho que a queda me desacordou por um tempo. Quando acordei, corri para fora. Ele tinha algo na mão, mas não era uma espada. Não pude ver bem. Sei que não usava armadura, no entanto.

–Estava sozinho?

–Foi o único que vi.

–E aquele homem morto ali? –Nicolas apontou para o homem, sob o qual uma poça de sangue lentamente crescia.—O que aconteceu com ele?

–Não sei. Aquele é o Jordiss, um dos guardas. Eu vi duas das mulheres o

arrastando para cá, mas acho que já estava morto. Sua face estava coberta por sangue.

Nicolas olhou melhor para os degraus. Ele podia ver uma escura tilha úmida que marcava o caminho do homem. Ele franziu as sobrancelhas, e, então, foi até o corpo, agachou-se e resmungou ao rolar o peso morto do homem. A ferida em seu rosto era profunda, como um golpe de espada, mas a maçã esquerda do rosto havia sido esmagada, como por um martelo ou uma clava. Provavelmente não foram anões então, o ferimento fatal era pequeno demais. Um machado-de-guerra anão teria partido o crânio desprotegido do pobre homem em dois.

–Me sigam.—Nicolas ordenou aos guardas que o acompanhavam, mas ele parou ao ver que Aetias também havia descido da carruagem e estava falando com uma mulher mais velha.—Meu senhor, volte para a carruagem!—ele mandou.—Vá agora! Os atacantes podem ainda estar na casa.

–Um momento, capitão,—Aetias levantou um dedo e continuou sua conversa por um minuto e, em seguida, aproximou-se dele.—Bettavia diz que viu os homens que mataram o guarda perto das escadas.

Eram três. Só que ela diz que não eram homens—eram anões.

–Estás mantendo algum anão aqui?—Nicolas não era facilmente chocado, mas às vezes a total depravação destes Malkavianos quase o conseguiam. Não foi fácil esconder o desdém de sua face.

–Não, nenhum,—respondeu Aetias.—Eu vi muitos com gostos estranhos nos últimos anos, mas nenhum com apetite por tais absurdos. Eu não tenho um único anão, menos ainda iria empregar um aqui.

Não achas que poderia ser um simples furto? Existem pratos e cálices de ouro aqui que eu acredito que seriam de interesse para um anão.

Nicolas ouviu cético. Em Malkan abundavam alvos muito mais lucrativos que um bordel, até mesmo

um particular como este. Por ouro, um banco. Por uma prostituta, um prostíbulo. Seria possível que os anões estivessem atrás do mesmo tesouro que ele aspirava? Era difícil de imaginar, mas, por pouco, concebível.

–É fácil de descobrir.—Nicolas desembainhou sua espada e acenou para os quatro guardas, dois dos quais agora tinham tochas.—Vá agora, meu senhor.Não volte até que vejas a mim ou um dos guardas descendo as escadas.—Sem esperar por uma resposta, ele se virou e correu os degraus de mármore ensanguentados acima, em direção das trevas ocultas atrás da porta dupla aberta. Ele nunca lutara com um anão, mas estava supremamente confiante que eles morreriam tão rápido quanto qualquer homem, elfo ou orc que ele derrotara.

Uma vez dentro, surpreendeu-se em descobrir que Aetias, ou, provavelmente, um de seus escravos, havia decorado o Rosa Dourada da mesma forma que sua residência privada. Não havia tapeçaria de veludo escarlate ou estátuas obscenas tão comuns neste tipo de lugar. O grande salão de entrada não era diferente da mansão, da qual recentemente saíra. A larga escadaria encarpetada encontrava-se no fundo do salão.

Nicolas pegou uma tocha de um dos guardas que o acompanhavam e subiu dois degraus por vez. Ele podia ouvir os homens atrás mantendo o passo. Sendo guardas e não soldados, eles talvez não fossem de muita valia em uma luta, porém tinham coragem.

No andar superior havia dito a prostituta com o nariz ensanguentado, e ela estava na passarela. Isso significava que os anões, assumindo que eram, de fato, anões, estavam atrás de algo no andar após esse.

Ou alguém.

Certo disso, ao chegar ao primeiro andar, viu a figura de um homem, presumidamente outro guarda, jogado morto ou inconsciente sobre o chão do outro lado do corredor. O corredor estendia-se em ambas as direções e formava um quadrado ao redor do espaço aberto da escadaria. Havia três portas em cada lado e duas no final. O guarda estava na frente de uma delas. A outra estava entreaberta e a luz tremeluzente de uma vela ou lareira dentro formava sombras que dançavam nas paredes do corredor.

–Ali,—sussurrou Nicolas. Ele mandou dois homens pela esquerda da escadaria, enquanto ele e os outros dois iam pela direita. Se alguém emergisse do quarto, acharia suas rotas de fuga bloqueadas, a não ser que estivessem dispostos a pular sobre o corrimão—o que resultaria em um mergulho desagradável.

Furtivamente moveu-se para perto da porta entreaberta, e, de repente, terror

preencheu-lhe quando a escuridão lhe lembrou de uma noite anterior cheia de aço e fogo e sangue. Respirou fundo e se concentrou, resistindo contra o desejo de arriscar soltar o poder de sua espada. Muito cedo… E

perigoso.

Com esforço consciente, derrotou seu medo irracional com humor. O quão ridículo seria perecer aqui e agora, em uma briga num prostíbulo! Sua pobre sombra iria perecer de simples mortificação.

Nicolas atravessou a porta pulando, com seus dentes à mostra e segurando a tocha a sua frente com a mão esquerda, enquanto chutava a porta de madeira para o lado. No entanto, nenhuma espada subiu de encontro a sua entrada, nenhum machado de duas lâminas gigante desceu para lhe partir do peito à virilha.

O quarto não estava vazio, mas não havia perigo nele no momento. Morte já havia acontecido e viera sem misericórdia para o distinto homem de cabelos negros encostado sem vida contra a parede ensanguentada a sua frente.

Mas a Morte não viera só. Alguém a havia trazido aqui e se Nicolas não estivesse enganado, o intruso também havia levado alguém embora. Xingou impotente. Uma falha era mero acaso. Duas já cheiravam a má sorte.

–Cheque os outros quartos,—ordenou ao guarda com a outra tocha.—Leve-o contigo. Deve haver outras garotas se escondendo em seus quartos. Se achares uma, traga-a aqui.—Ele se virou para o guarda

ao seu lado.—Sabes quem é ele?

–Eu acho que é o senhor Baern, capitão. O banqueiro.

–Um homem importante da cidade, então?

–Sim, capitão. Muito importante. Ele está no Conselho dos Sete…Estava no conselho, eu deveria dizer.

Nicolas gemeu de frustração. A situação estava feia. Ele não sabia exatamente como isso iria complicá-la, mas sabia que não iria torná-la mais simples. O homem não estava apenas morto, mas castrado também. O primeiro golpe havia

errado e rasgado sua coxa esquerda. O segundo o tornara eunuco em um grau extremo. Não por muito tempo, no entanto, uma vez que as mãos limpas do homem contavam a Nicolas que o terceiro golpe, o que o matou, sucedeu o segundo quase imediatamente. Eram pelo menos dois assassinos, observou, pois o ferimento na coxa esquerda do falecido não era profundo, mas o golpe fatal havia destruído o lado direito inteiro da cabeça do banqueiro.

–Sim, parece que um lugar está vago agora. Vá para calçada e chame o senhor Aetias quando sua carruagem passar. Traga-o aqui e lhe diga para esperar por mim. Não deve haver mais perigo algum, quem fez isto já foi embora.

–Esperar por ti, capitão?—perguntou o homem.

–Alguém fez isto. E eles não estão aqui. A pergunta agora é, como eles fugiram e aonde vão?

…

Quadras Aetias parecia estar doente quando Nicolas e o guarda que o acompanhava em sua inspeção do bordel chegaram no topo da escada pela segunda vez naquela noite. Mesmo nas sombras criadas pelas velas que haviam sido reacendidas no corredor, seu rosto estava visivelmente pálido, e suas mãos tremiam.

–Assassinado,—ele sussurrou áspero para Nicolas.—Um membro dos Sete, assassinado no meu estabelecimento!

–Senhor Aetias,—disse Nicolas,—o senhor não estava aqui. Posso testemunhar isso. Há uma dúzia de testemunhas, duas dúzias, que podem testemunhar em teu nome.

–Não, eu não estava aqui. Infelizmente, não fará diferença alguma!—Aetias sorriu derrotado.—Um homem influente, um banqueiro de importância extraordinária, está morto. Em minha propriedade. Haverá uma inquisição por ordem do Conselho, e quem sabe que crimes serão descobertos? Que mãos estão realmente limpas? Eu tenho dinheiro, eu tenho influência, mas não o suficiente quando é o patriarca da casa de Baern que morreu em meu estabelecimento!

Nicolas viu sua oportunidade.

–Há apenas um jeito, meu senhor. Se acharmos os assassinos, o senhor pode os levar para o Conselho antes que sejas interrogado. Eles serão torturados, vão confessar, e não haverá dúvida de que o senhor foi apenas uma vítima das circunstâncias.

Aetias riu maníaca e desesperadamente

–Se eu achar os assassinos? Eles já desapareceram na noite!

–Não, meu senhor.—Nicolas balançou a cabeça.—Eles são anões. Eles desapareceram no chão. Eu já descobri como eles entraram e partiram. Venha para o porão e veja.

–Anões?

–Exato. E dois ou três anões a pé, levando uma prostituta, não são mais rápidos que um homem à cavalo. Dá-me dois cavalos, provisões para duas semanas, e eu deixarei a cidade nesta noite se puderes me colocar fora da muralha. Posso achá-los. Eu garanto.

–Sim, sim, claro, tudo que precisares. Mas pretendes ir nesta noite? Eles não podem passar pela muralha nesta noite, não se não souberem que guardas subornar e não consigo acreditar que eles iriam.

–Eu suspeito que anões têm seus próprios meios de entrar e sair da cidade, meu senhor. Eles construíram a muralha afinal. Eles construíram o sistema de esgoto também. Eu imagino que eles têm seus próprios caminhos para dentro e fora.

–Sim, entendo o que queres dizer. Não há dúvidas de que estás certo.—Ele então parou, e seus olhos se estreitaram.—Como sabes da prostituta, capitão?

Nicolas riu.

–Quando alguém acha um homem largado morto e nu em um prostíbulo, não precisa ser um filósofo para concluir que havia uma prostituta envolvida. Eu suponho que os anões foram contratados para achá-

la, mas em vez de tentar comprá-la, eles decidiram ficar com o dinheiro de seu cliente cavando um túnel por baixo do edifício e capturando-a. Eu duvido que pretendiam matar o senhor Baern. Ele apenas escolheu uma hora desafortunada

de procurar diversão.

–Realmente desafortunada. E pobre Baern também, claro. O que fizeram a ele… horrendo, simplesmente horrendo. Mas não podes ir sozinho! Te darei dez homens, não, vinte! Mesmo se eu não for mantido em prisão domiciliar, a guarda da cidade será posicionada perto de minha casa. Ninguém ousará me atacar, a não ser que o próprio Conselho decida agir.

–Eu viajarei com um ou dois homens no máximo,—respondeu Nicolas, balançando a cabeça,—se tiver algum que saiba cavalgar bem. Mas primeiro, tem uma coisa que eu gostaria de saber. Quem era a prostituta? Que tipo de mulher vale tanto a ponto de merecer que um time de assassinos anões a sequestre?

–Mulher nenhuma, capitão, mas uma elfa. A maior beldade que Malkan já viu, e imortal também!

Embora Nicolas já antecipasse a resposta, ainda assim rangeu os dentes em frustração quando Quadras Aetias confirmou e tornou desnecessário questionar as garotas do bordel.

–Consegues imaginar, capitão? Sozinha, ela valia mais que este prédio e todas as prostitutas inúteis nele.

Ela valia muito mais que isso, seu tolo, Nicolas pensou furioso. Ela vale mais do que tu podes imaginar. Tão perto, tão perto eu estava, e eu a perdi de novo. Mas ela não deve ter ido longe, não se ainda estivesse em companhia dos perna-curtas.

…

Lodi respirou aliviado a doce brisa da manhã. Estava bem acostumado a estar sobre o chão agora, depois de anos como um escravo em Amorr, mas ele nunca tinha desenvolvido afeto pelas cidades dos Homens. Mesmo lugares construídos por anões como Malkan tinham se transformados em lugares sujos e nojentos, poluídos pelo cheiro de podridão e imundice dos Homens. Ter que suportar as vastas pradarias e o agourento céu vermelho da manhã era um preço pequeno a se pagar por finalmente escapar da cidade montanhosa fedida.

Poucos Homens, se algum, sabiam que quatro das cinco estalagens anas de

Malkan eram na verdade subterrâneas. Seus altos edifícios de alvenaria imponentes eram, na maior parte, uma farsa para enganar os altos; com a exceção das tavernas no térreo, as salas acima do solo eram usadas como nada além de depósito. Todas as cinco estalagens eram conectadas por túneis subterrâneos que permitiam aos anões se mover livremente pela cidade. E havia túneis que se estendiam por baixo das grandes muralhas também, um sob o portão norte e outro para o sul.

Lodi observou a elfa que haviam resgatado. Ela parecia uma alta criança quase morta de fome

enrolada debaixo de um cobertor de lã. Ela usava a túnica do homem morto—ainda manchada de sangue

—sobre seu vestido de seda verde, e seus pés esguios, protegidos pelas sandálias que eram grandes demais para ela, projetavam-se do pequeno cobertor. Ao preparar as provisões para a viagem, ele havia esquecido que a escrava de um bordel não teria roupas adequadas à jornada, e nenhuma das roupas de anão serviam-nela.

Também não haviam tido o tempo de arranjar algo melhor ao chegarem ao Picareta e Machado. O

guia impaciente que os levou através dos túneis e sob a muralha deu-lhes a escolha entre sair imediatamente ou esperar pela noite seguinte. Vendo o jeito como a elfa se tremia quando emergiu dos cobertores, Lodi não tinha certeza se fizera a escolha correta, mas escutar seus instintos o mantivera vivo até agora. E na noite passada, seus instintos lhe gritaram que se não escapasse da cidade imediatamente, nunca iria.

A elfa estava silenciosa, como havia estado desde a noite passada quando eles interromperam o Homem, cuja má sorte fora procurar seus serviços involuntários na hora errada. Os quatro jovens anões, diferentemente, mantinham-se sonoros, enquanto resmungavam sobre tudo desde a falta de fogo até a claridade do sol e do duro chão irregular sobre o qual recentemente acordaram.

–Algo está estranho,—disse Gulfin ao olhar para o céu.—Lodi, eu acho que estamos ao sul da cidade.

–Sim,—Lodi concordou.—Por isso eu escolhi o Picareta e Machado. É no lado sul e é mais próximo do túnel sob a muralha.

–Mas temos que ir para o norte para chegar na Montanha de Ferro!

–Não estamos indo para o norte, mas para o sul.

–Sul?—quase gritaram os quatro jovens anões incrédulos, e até a elfa o olhou com o que parecia ser surpresa em seus verdes olhos felinos.

Lodi apenas riu e continuou enrolando os cobertores.

–Garotos, se desejam sobreviver o bastante para criarem barbas de verdade, precisam aprender a pensar menos no que querem fazer e mais no que o inimigo quer fazer com vocês.

–O que isso tem haver com ir ao sul?—perguntou Thorald.

–Fomos vistos ontem. Caso sejamos perseguidos, e há uma grande chance de que haverá uma séria procura atrás dos anões que assassinaram um homem rico o suficiente para pagar tal estabelecimento, eles vão assumir que fomos para o norte, para as profundezas de Tessini.

–Como deveríamos ter feito. Nós poderíamos ter chegado lá ao anoitecer!

–Somente se tivéssemos usado a trilha da montanha. E se tivéssemos ido para o norte, teríamos sido atropelados pelos cavaleiros que deixaram o portão setentrional ao nascer do sol. Ainda se não tivéssemos pegado a trilha, teríamos os encontrado esperando por nós nos portões da estrada profunda.

Garotos, nem todos os Homens são estúpidos, e os Malkanianos conhecem os anões melhor que a maioria. Eles podem não saber onde todas as ruas profundas são, mas sabem onde são nossas principais vias de comércio. Portanto, eles vão para o norte, e nós para o sul; e, com alguma sorte, chegamos em casa antes da primavera.

Os jovens anões caíram vencidos em silêncio. Lodi os fitou até que todos tinham guardado seus cobertores e o que havia sobrado do pão e salsicha com os quais haviam quebrado o jejum estivesse de volta nas mochilas. A elfa, notou, não havia comido. Ele deu de ombros. Se ela não tinha fome agora, teria quando o

sol alcançasse seu zênite.

Mas muito antes do sol ao menos começar a aproximar o zênite, ouviram o bater de patas de cavalo na dura rodovia Amorriana em que viajavam.

Lodi gesticulou e os jovens anões se calaram. O bater das patas continuou a crescer, e logo se tornou

claro que vinham do norte. Um segundo gesto e o resto de seu pequeno grupo o seguiu para fora da estrada, escondendo-se atrás de árvores próximas. Não esperaram muito até que os cavaleiros ficassem à vista.

Eram três. O líder era um Homem alto de cabelos negros sobre um cavalo negro. Tinha uma espada longa como arma, uma como as preferidas pelos guerreiros do norte e isso, junto com sua pele pálida, o denunciavam como Savondense. Seus dois parceiros pareciam guardas, uma vez que ambos não traziam armas em sua cintura além da comum adaga. Todos tinham o mesmo brasão em suas túnicas.

Lodi tinha certeza de que os três Homens iriam continuar cavalgando, já que a pedra aplainada da estrada não traía sinal algum dos cinco anões e da elfa que haviam recentemente a deixado. Mas o Homem alto parou abruptamente assim que passara por eles e começou a perscrutar a mata em cada lado da estrada, procurando por todo mundo como uma raposa que acabara de perder o odor da presa que perseguia. Seus dois companheiros se calaram e o líder tirou uma adaga das dobras de sua capa e a moveu lado-a-lado como um imã.

Como Lodi temia, a ponta da lâmina continuou a se mover a esquerda, até que estava apontando quase diretamente para ele. Magia! O Homem era um bruxo! Ele fitou o braço enfaixado de Gulfin e entendeu como o bruxo os rastreara. Ele desesperadamente desejou ter comprado uma besta, mas agora já era tarde.

Pânico cresceu dentro dele, mas Lodi forçou-se a permanecer imóvel. Se a Escuridão Profunda fosse reivindicá-lo agora, então iria fazê-lo, mesmo que a ideia de que isso fosse acontecer sob o céu brilhante fosse realmente amarga.

Não havia razão para tentar se esconder. Ainda se o bruxo não os ouvisse, ele os seguiria, e eles não tinham esperança de escapar de suas pernas maiores, ainda menos dos cavalos.

Então lhe ocorreu que se a adaga encantada fosse como um imã, só diria a

direção, porém não a sua distância. Tudo que ele tinha que fazer era esperar em silêncio, e, certamente, o bruxo se aproximaria o suficiente para Lodi enterrar seu machado em seu crânio antes mesmo que ele o visse. Mais uma vez, Lodi lamentou a ausência de seu machado-de-batalha. Ele teria lhe dado mais três pés de alcance.

Pegou o machado-de-mão de seu cinto tão quietamente quanto pode. Enquanto o bruxo desmontava e caminhava em direção das árvores nas quais se escondiam, Lodi olhou à direita e à esquerda e fez um velho gesto de mineração com sua mão livre. Os jovens anões não precisaram acenar em reconhecimento, pois eram garotos espertos e, mesmo se não tivessem trabalhado muito nas minas, compreendiam. Perigo.

Não se movam.

Entretanto o bruxo o confundiu ao se recusar a se aproximar mais. Em vez disso, o Homem guardou a adaga de volta na bainha e estendeu as mãos.

–Apareçam, bons anões. Eu não pretendo lhes ferir.

Lodi não respondeu. Isto era inesperado. Esperou pacientemente para ver o que o Homem faria em seguida.

–Só estou aqui pela elfa. E eu juro pelo coração da montanha e a Escuridão Profunda que não lhe farei mal também.

Lodi olhou para a elfa. Ela balançou a cabeça confusa. Parecia que ela não reconhecia o Homem também.

O bruxo esperou até que seus dois guardas começassem a se mover impacientes e suspirar.

Finalmente, ele surpreendeu Lodi rindo alto.

–Entendam, meus amigos anões, tem que entender que sei que estão aí. O sangue nesta lâmina me diz que estão se escondendo nas árvores em minha frente. E eu preferiria que viessem aqui e escutassem o que tenho a dizer sem me forçar a tocar fogo em todos vocês. Não desejo vos machucar, ainda menos sua

companheira élfica, mas me deixarão sem escolha se não falarem.

Lodi chegou a uma decisão. O bruxo obviamente não iria a lugar algum, então Lodi haveria de ir até ele. Mas não os outros. Fiquem, gesticulou para eles. Então, cautelosamente, levantou-se e se dirigiu ao Homem.

O bruxo acenou para ele e, para alívio de Lodi, mostrou sinal nenhum de pretender tocar fogo em algo. Os que vivem abaixo do chão usam o fogo como um guia, mas poucos entendem seus riscos melhor ou o temem mais.

–O que um Homem quer com um elfo?

–A senhora Everbright é de interesse particular para mim. Procuro-a por meses.

–És um bruxo. Porém usas a insígnia de um cafetão.

–Um subterfúgio necessário. Magos Savondenses não são bem-vindos em Malkan. Fique tranquilo, anão, nenhum dono de bordel pode contratar um mago.

–Eu não sei disso,—disse Lodi.—Responda-me. O que tu queres com a elfa?

–Conhecimento, meu amigo,—o alto bruxo sorriu.—Apenas conhecimento. Ela o possui e eu o necessito. Não precisas temer por ela. Ela será recebida como um convidado de honra do Rei de Sanvondir e será provida com todo o conforto e cortesia que cabem a sua posição.

Sua posição? O mago disse algo em Élfico que ele não entendeu. Mas antes mesmo que a elfa respondesse, ouviram o som de um rápido cavalgar vindo do norte.

–Eu não suponho que isso são viajantes apenas atravessando a região,—Lodi ouviu o bruxo pensar alto. –Goram, Osgilder, fiquem daquele lado e levem meu cavalo. O anão e eu iremos para o outro.

Ele piscou para Lodi e deu um passo em sua direção. Lodi rosnou e desejou, momentaneamente, enterrar seu machado-de-mão no peito do bruxo, mas resistiu. Se havia tantos cavalos quanto se faziam ouvir, ter o que parecia ser um mestre feiticeiro ao seu lado poderia se provar extremamente útil. Ele poderia sempre matá-lo depois.

O som se tornava mais alto e não demorou até que o primeiro cavaleiro aparecesse na curva da estrada Amorriana. Era um guarda urbano usando uma

leve cota de malha. No entanto, não era o guarda ou os cinco outros que o seguiam que chamaram a atenção de Lodi—foi o cavaleiro de túnica vermelha que os acompanhava, um mago da cidade de Malkan.

–Tu!—o mago urbano gritou, seu rosto escarlate como sua roupa. Lodi nunca sabia ao certo quando se tratava de Homens, mas ele não tinha barba e portanto parecia jovial.—Savondense! Coloque as mãos sobre a cabeça!

Lodi viu o alto bruxo sorrir enquanto o semiobedecia. O Homem levantou as mãos e expôs as palmas vazias, embora tenha as levantado apenas à altura de suas orelhas.

–Desarmem os guardas de Aetias,—o mago da cidade instruiu seus homens.—Anão, diga seu nome.

Estás com ele?

–Mim Blombur filho de Blowen,—Lodi mentiu, propositalmente aumentando seu sotaque.—Mim nunca ter visto esse Homem amtes.—continuou, falando a verdade.

–Então não estás com ele?

–Não, senhor Homem. Ele me parrou na estrada. Mim não saber porque.

–É verdade?—perguntou o mago aos guardas de Aetias enquanto seus homens lhes removiam as armas. Quando os dois guardas confirmaram as palavras de Lodi, ele se virou para o bruxo com as mãos levantadas.

–Saiba que posso te matar onde tu estás, Savondense. Não sejas enganado pela minha idade. Sou um magus do Vermelho.

–Sério?—o bruxo respondeu lento.—Não sei expressar o quanto estou impressionado.

O magus do Vermelho não caiu na armadilha.

– Eu suspeito que saibas perfeitamente a pena para qualquer usuário de magia por entrar sem autorização em Malkan. Porém, te farei uma oferta. Se renda para mim, nos conte como manteve teu poder escondido de nós e tua vida será

poupada. É até possível que te seja concedida uma residência na cidade, se desejares.

–Tua oferta é bem generosa, menino. Eu agradeço. Eu somente desejo poder te oferecer uma similar.

Mas meu senhor não é tão gentil.

–Teu senhor?

–Sua majestade Louis-Charles, o décimo-terceiro de seu nome.

Os olhos do mago vermelho se arregalaram surpresos, mas mesmo assim, sua reação foi rápida como relâmpago. Sua mão esquerda girou formando um círculo enquanto um gesto de sua mão direita mandou uma rajada de rubro fogo diretamente ao Homem ao lado de Lodi.

Lodi gritou em alarme e pulou para sua direita. Não tentou se levantar, mas desesperadamente continuou rolando, tão rápido quanto pode, até que deixara a estrada, rastejando de quatro à segurança relativa das árvores. No entanto, quando olhou para trás, ficou estupefato com o que viu.

Em vez de estar caído e fumegando, como Lodi supôs, o alto Savondense ainda estava de pé, arremessando um relâmpago azul atrás do outro contra a aura dourada, com a qual o jovem mago tentava desesperadamente se defender. Todos os sete guardas estavam contorcidos sobre o chão, mas Lodi não sabia dizer se estavam mortos ou só inconscientes.

O trovejar era ensurdecedor, e o cheiro acre de enxofre e ozônio lembraram Lodi de uma horrível batalha subterrânea específica durante o segundo ano do cerco, quando ele acompanhara um par de mestres feiticeiros anões e encontraram um grupo de orcs junto a três xamãs de sangue. Ele assistiu pasmo o Savondense usar sua mão livre para puxar a mesma adaga que usava quando Lodi pela primeira vez o vira, trocou-a de mão e a apontou para o pobre Malkaniano.

–Sabe, garoto, nos primeiros dias de meu treinamento, eu costumava reclamar da forma que nos forçavam a perder tempo aprendendo a manejar armas convencionais. Já que seríamos mestres do fogo, água, terra e ar. Uma coisa tão simples, esse pedaço de terra batida. Até mesmo uma criança poderia usá-

lo.

O rosto do mago rubro estava molhado de suor e seus olhos cheios de temor.

–Mago de batalha!—ele silvou.

–Sim. Uma escolha interessante de mortes, não é? Eu me pergunto, será terra—levantou a adaga—ou fogo?—O bruxo arremessou mais dois raios contra o túnica-vermelha, deu de ombros quando eles foram bloqueados pelo escudo do segundo, e então seu pulso se moveu para frente. Logo depois, a aura dourada sumiu, e o jovem mago caiu sobre o chão, ambas suas mãos segurando o cabo da adaga projetando-se debaixo de seu queixo.

–Terra então. Uma sábia escolha, garoto. Mais rápida e menos dolorosa.

Lodi congelou quando o alto bruxo se virou do mago agonizando e o encarou inexpressivo. Lodi ainda segurava seu machado com sua mão direita, mas sentia que mesmo se conseguisse arremessá-lo mais rápido que o bruxo pudesse jogar seus raios mortais, ele provavelmente seria apenas defletido em algum tipo de escudo mágico ou túnica amaldiçoada.

–Não há motivo para me temeres, anão.—O bruxo balançou sua cabeça.—Quando eu disse que não pretendia te machucar, falei sério.

Lodi abaixou em silêncio seu machado, não porque ele confiava nas palavras do bruxo, mas porque suspeitava que a arma seria inútil contra ele.

–Estão mortos?—perguntou, apontando para os sete guardas jogados sobre o chão.

–Infelizmente, sim. Tivesse o jovem tolo mantido sua boca fechada, eu teria os poupado. Porém meu rei não gostaria que Malkan soubesse que somos capazes de passar por seus magos tão facilmente quanto anões por suas muralhas.

Lodi entendeu a dica.

–Anões não tem interesse em guerras dos Homens,—apressou-se para assegurar o bruxo.

–Me arrisco a assumir que sim. Agora que parece que dividimos os nossos

segredos, por favor passe os cumprimentos de Sua Majestade ao Rei da Montanha de Ferro. Savondir sempre deu aos senhores das baixas profundezas o maior dos respeitos, e não deseja quaisquer conflitos com os mesmos. Então, farias a gentileza de me apresentar à senhora Everbright?

As palavras do mago eram gentis o suficiente, mas Lodi reconheceu o aço sob elas. Deu de ombros.

Se os Savondenses quisessem esconder mil magos dentro de Malkan, não importava aos anões.

–Apareçam todos,—chamou.—Não há perigo.

Ainda que soubesse que não ajudaria a elfa de forma alguma se o bruxo estivesse mentindo, ficou feliz em ver os quatro jovens anões mantendo-se à sua frente, como um escudo. E ficou ainda mais contente em ver o bruxo acenar respeitosamente para os mesmos, reconhecendo sua coragem. Ele suspeitou que o Homem sabia como improvável era anões levantarem sequer um dedo para ajudar um elfo, menos ainda defender um, em circunstâncias normais.

–Este Homem é um mago de guerra de Savonder, Dashella,—falou Lodi para a elfa.—Ele diz que te procura há muito tempo. Homem, ela se chama Dashella.

–Uma honra, senhora Everbright,—disse o bruxo enquanto calmamente se colocava sobre um joelho e beijava sua mão. Para a surpresa de Lodi, o Homem disse algo em Élfico, algo que produziu um olhar de surpresa, seguido por uma breve insinuação de um sorriso no rosto longo da elfa. Ela o respondeu na mesma língua.

–Tenha pena de mim, minha senhora Elfa, isso é quase tudo que sei de tua língua. Imploro teu perdão.

Eu peço apenas que me permita o privilégio de te acompanhar, primeiro, até Suessa, de onde seguiremos a navio para Oeile. Depois que meus colegas de profissão, que estão muitíssimo interessados em conhecê-la, possam te encontrar em Lutèce, será dada a tite uma guarda de honra para a corte de teu irmão.

Lodi piscou. A elfa tinha sangue real?

–Eu sei o que queres, homem mágico,—a elfa falou na língua dos Homens. –

Mas eu não tenho mais uso para ti, como já sabes. Meus poderes, eles se foram.

–Me perdoe, minha senhora, mas não é verdade.—O bruxo balançou a cabeça.—O poder pode ter se ido, mas ainda és de interesse considerável para mim. Tua memória permanece. Eu sinto muito por tua perda, mas L'Academie não precisa do poder, nem mesmo de poder real élfico. O que nos falta é um pouco de conhecimento que eu sei que possuis.

–Conhecimento?

–Palavras. Conhecimento. Isso é tudo, nada mais.

–E que palavras seriam essas, precisamente?

O Homem sorriu e respondeu em élfico.

A elfa pareceu pensativa e ficou quieta por um momento.

– Eu sei de que feitiço falas. Mas será de pouco para vocês. Nossas montarias aladas não podem ser domesticadas. São antigas e orgulhosas demais para servir aos Homens.

–Eu te asseguro, Sua Majestade não cobiça teus corcéis alados. Não, me deixe reformular. Ele não tem quaisquer desígnios para com teus falcões-de-guerra, nem imagina que eles consentiriam em o servir.

O feitiço é necessário para uma questão inteiramente diferente.

–O propósito sendo…?

–Um nobre. Um que sacudirá as fundações da terra.

A elfa encarou fixamente o Homem. Lodi, pela primeira vez, notou a altura deles.

–Pode até ser, mas é do interesse do meu povo que a terra seja sacudida?

–Vamos, minha senhora, tu és inteligente demais e viveste tempo demais para acreditar que as coisas podem permanecer como estão. Reinos vem e vão. Povos se erguem e caem. Teu povo destruiu os Reis Bruxos e quase se destruiu no

processo. Os três reinos ainda tem a força para resistir a Zoth Ommog no ocidente e ao poder crescente do império no sul?

Lodi notou com orgulho que o Homem não mencionou os reis ogros. Foram os anões, e eles sozinhos que tinham eliminado aquela ameaça em particular. A elfa não disse nada, mas seu silêncio gritou.

–Ainda mais, dando, teu povo vai receber um presente de altíssimo valor em retorno.

–Como assim?

–Através de ti, eles serão os primeiros a saber qual o nobre propósito do qual eu falo. Se pode ser feito, será feito. Nossos Imortais irão ter sucesso um dia, com ou sem a assistência élfica. O que eu procuro de ti não é o presente do poder, mas do tempo. Cem anos podem parecer pouco para um elfo, mas são duas vidas para um rei dos homens.

–Entendo.—A Senhora Everbright olhou para a floresta. Quando seu olhar retornou à face do mago, estava severo.—E o que eu receberei, mago de guerra, se der a teu rei este presente do tempo?

–O que desejas?

–Vingança,—silvou. Pela primeira vez desde que ela esfaqueara o homem, Lodi viu vida em seus olhos verde-claros.—Eu quero que a raça dos Homens pague pelo o insulto, pelas feridas e vergonhas que me infligiram e, além de tudo, por terem me roubado de minha magia!

Ele sorriu sombrio.

–Ficarás satisfeita com as vidas dos homens que te escravizaram e abusaram de ti?—Ele gesticulou para os dois homens mortos que tinham-no acompanhado.—Anote o segundo pagamento desta dívida.

Eles eram homens a serviço de Quadras Aetias, o cafetão que te comprou do escravagista.

–E o primeiro pagamento?

–O escravagista próprio. Eu matei o homem de Orontis há duas luas.

A elfa encarou o mago por um longo momento, e então estendeu suas mãos para segurar as dele.

– Obrigada,—disse.—Matarás o resto?

–Aetias tem os registros de seus clientes. Todos que te usaram, te insultaram, irão morrer. E, então, o próprio Aetias e, se desejares, toda sua família.

–Eu desejo,—disse imperiosamente.

–Então terás, em nome de Sua Majestade Louis-Charles, o Rei de Savondir e Senhor das Sete Cadeiras.

Lodi recuou, mas ao refletir, decidiu que era talvez o melhor. A fúria por pouco controlada que via queimar em seus olhos verdes poderia ter a levado a exigir o massacre de todos da cidade, incluindo dos anões que lá viviam. E o que quer que o bruxo procurava, ele o desejava o bastante para dar-lhe o massacre.

–Agora,—disse o bruxo,—parece que temos vários cavalos a nossa disposição, posso te oferecer sua montaria, minha senhora?

Thorald e Hodli ajudaram a senhora Everbright a guardar uma parte dos suprimentos no cavalo escolhido para os carregar durante a jornada, portanto Lodi tomou a oportunidade para se aproximar do mago de batalha real do outro lado da estrada.

–Tu dizes que teu rei é amigo dos anões, certo?

–Eu acredito que ele deseja permanecer em bons termos com teu povo.—Falou o mago o olhando perplexo.

–Então eu tenho uma pergunta. O rei anão quer saber: o que é isto que queres da elfa?

–Não podes imaginar que eu te contaria.

–Talvez. Entenda, se me matares, ou se eu sinalizar para os meninos, eles matam tua elfa.

O espanto do Homem desapareceu abruptamente. Olhou bruscamente para os dois anões mais próximos da elfa. Thorald piscou para ele e brincou habilmente com o machado em sua mão.

–Tu a resgataste. Esperas que eu creia que a mataria agora?

Lodi bufou.

–Por que não? Não tente me enganar, homem mágico. Eu conheço escravagistas, e reconheço uma armadilha quando a vejo. Como sabias que escravagista deverias matar? Como sabias de onde ele era?

Eu acho que foi tu quem arranjaste tudo isso. Tu contrataste alguém para capturá-la, mas ele não a vendeu para ti. O cafetão de Malkan ofereceu mais e tu não ficaste nem sabendo. Por isso o mataste: ele te enganou. Nenhum bruxo sabe de nada sobre escravagistas, mas eu tenho contato regular com eles. Eles enganariam a mãe se, com isso, conseguissem um vintém a mais.

Por um momento, o bruxo pareceu desconcertado. Logo depois, porém, balançou a cabeça pesarosamente.

–Sim, bem, eu imagino que teria me poupado um trabalho considerável ter te contratado como conselheiro desde o começo. Mas qual era teu interesse nela? Pelo o que sei, anões geralmente não dão a mínima para elfos.

–Nós temos muito interesse por uma elfa que nos pagam com ouro para devolver. Eu não sabia que ela era uma prima do Rei da Floresta, mas sabia que ela valeria algo. Agora, eu quero meu ouro, e estava pensando que o rei anão deveria saber o que vocês Savondenses querem fazer. Eu sei que não posso te impedir. Eu nem sei se queremos te impedir. Nós não colocamos nossas barbas em negócio de Homem.

Entretanto, gostamos de saber o que se passa sobre nossas cabeças. Então me diga, me dê meu ouro e então tu podes mandar a elfa para a Escuridão se quiseres.

O bruxo franziu os lábios. Lodi teve a impressão que ele tentava decidir se podia matá-los rápido o suficiente e ainda manter seu tão procurado prêmio. Finalmente, deu de ombros em aquiescência.

–Muito bem, anão. É um pequeno preço e não fará mal. Olhe para os céus, meu amigo. Não amanhã, não ano que vem, mas me disseram que vocês são um povo de vidas longas. Quando vires fogo no céu, podes dizer a teu rei sob as montanhas que logo a terra será sacudida.

Lodi acenou e fez uma nota mental para encorajar o Rei das Baixas Profundezas a manter os fortes profundos bem supridos. Mesmo um anão poderia ver o quebra-cabeças se resolvendo.

O bruxo tinha passado por inúmeros perigos em procura de um feitiço específico para controlar bestas aladas. Fogo. O céu em chamas e a terra tremendo. Dragões! Mesmo os maus feiticeiros do norte, com suas artes negras e demoníacas, não tinham sido capazes de domesticar dragões. Ele segurou um riso em resposta à proposta lunática do bruxo, e, de alguma forma, conseguiu se limitar a um aceno confidente.

–Tu entendes, então? Eu suponho que és mais sagaz do que pareces.—O bruxo sorriu, mas havia pouco humor em seus olhos.—Bem, meu amigo barbudo, é a hora do adeus. Quanto a questão do ouro: Como eu não gostaria que sofresses qualquer prejuízo pelos serviços que prestaste a coroa, permita-me te recompensar.

Lodi escondeu um sorriso satisfeito sob a sua barba quando o mago lhe entregou uma pequena bolsa de couro, que, pelo peso, ele tinha certeza que continha dez moedas. Ouro, esperou. Qualquer pensamento de avisar a elfa do papel desempenhado pelo Savondense em seu aprisionamento desapareceu—ele tinha

esperado conseguir apenas cinco ou seis moedas dos elfos da floresta.

Sentiu uma pontada de vergonha quando o par de cavalos montados e a elfa olharam para trás para dar adeus a ele e seus quatro companheiros. Mas então, ele se lembrou da outra vez quando vira elfos sobre cavalos, quando ele assistiu em total desespero dois mil elfos irem embora, e deu as costas ao par destinado ao sul com uma consciência limpa.

–Vocês não nos ajudaram na Montanha de Ferro,—uivou baixinho.—Sabia?

–Que foi?—Thorald lhe perguntou enquanto acariciava o nariz de um cavalo. Além de Lodi, ele era o único que não estava aterrorizado pelas bestas colossais.

Lodi tinha decidido ficar com os cinco cavalos remanescentes. Eles viajariam a pé na mesma direção do bruxo e da elfa, venderiam os cavalos na primeira cidade dos Homens, e então iriam para nordeste através dos campos até que alcançassem a proteção das montanhas. E ele compraria uma besta ou três, se lembrou.

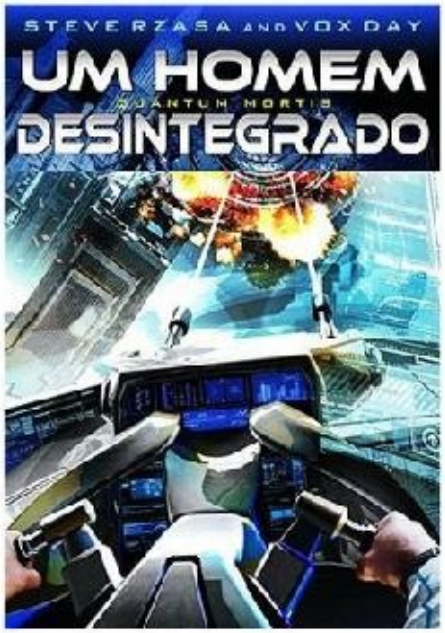
–Vamos, meninos.—grunhiu Lodi.—É um mau sinal que os Homens estejam se tornando tão desonestos quanto malditos elfos. Nós temos um longo caminho até em casa, e eu quero mil toneladas de pedras sobre minha cabeça antes que aqueles tolos bruxos dos Homens aprendam como é uma má ideia acordar um dragão.

FIM

QUANTUM MORTIS

"Começa em alta velocidade e depois acelera."

"Eu amei cada segundo desta!"



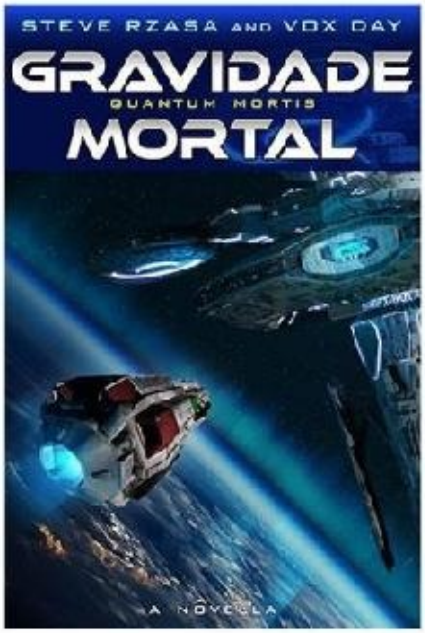
SEM LIMITES. SEM MISERICÓRDIA.

CASTALIA HOUSE

português

QUANTUM MORTIS

"Nas profundezas do espaço, o assassino pode estar em qualquer lugar!"



SEM LIMITES. SEM REMORSO.

CASTALIA HOUSE

português

CASTALIA HOUSE

LÍNGUA PORTUGUESA

QUANTUM MORTIS Um Homem Desintegrado

QUANTUM MORTIS Gravidade Mortal

Uma Magia Perdida

FANTASY

Awake in the Night by John C. Wright

Awake in the Night Land by John C. Wright

A Magic Broken by Vox Day

A Throne of Bones by Vox Day

The Wardog's Coin by Vox Day

The Last Witchking by Vox Day

Summa Elvetica: A Casuistry of the Elvish Controversy by Vox Day *The Altar of Hate* by Vox Day

The War in Heaven by Theodore Beale

The World in Shadow by Theodore Beale

The Wrath of Angels by Theodore Beale

SCIENCE FICTION

Big Boys Don't Cry by Tom Kratman

The Stars Came Back by Rolf Nelson

City Beyond Time: Tales of the Fall of Metachronopolis by John C. Wright *QUANTUM MORTIS A Man Disrupted* by Steve Rzasa and Vox Day *QUANTUM MORTIS Gravity Kills* by Steve Rzasa and Vox Day *QUANTUM MORTIS The Programmed Mind* by Vox Day

CASTALIA CLASSICS

The Programmed Man by Jean and Jeff Sutton

First On the Moon by Jeff Sutton

Apollo at Go by Jeff Sutton

NON-FICTION

Transhuman and Subhuman: Essays on Science Fiction and Awful Truth by John C. Wright

OTHER TRANSLATIONS

Särjetty taika

Mantra yang Rusak

La Moneta dal Mercenario

I Ragazzoni non Piangono

QUANTUM MORTIS Тежина Смрти

QUANTUM MORTIS Der programmierte Verstand

Grosse Jungs weinen nicht

Document Outline

- A História
- Cena 1
- Cena 2
- Cena 3
- Cena 4
- Cena 5
- Cena 6
- Cena 7
- Cena 8
- Cena 9
- Cena 10
- QUANTUM MORTIS Um Homem Desintegrado
- QUANTUM MORTIS Gravidade Mortal
- Castalia House